

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS - FaE/UFMG
LINGUAS ARTES E LITERATURA [LAL]

VESTIMENTAS XAKRIABÁ COMO ARTEFATO DE LUTA E RESISTÊNCIA

Euselia Ferreira de Araujo

Belo Horizonte

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS - FaE/UFMG

VESTIMENTAS XAKRIABÁ COMO ARTEFATO DE LUTA E RESISTÊNCIA

Percorso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Línguas Artes e Literatura, pelo curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FaE/UFMG.

Orientadora: Profa Angélica Adverse

São João das Missões

2024

ATA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Luciana Nacif

Profa. Célia Xakriaká

Profa. Dra. Angélica Adverse – Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ser o meu guia, principalmente por esta presente na hora mais difícil, ao meu pai Amaro, a minha mãe Otília, aos meus irmãos meu esposo Toni meus dois filhos a toda a minha família que me apoiou com muito carinho e fez com que esse meu sonho se tornasse realidade. Dedico este trabalho a Célia Xakriabá por ser a minha fonte de inspiração nesse processo de construção. Dedico este meu trabalho em especial ao pajé Sirêpte (Deda) pelos seus ensinamentos e ao pajé Vicente em memória por todo os cuidados com seus benzimentos e ensinamento durante essa minha caminhada, até hoje sinto a tua presença.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu povo Xakriabá, ao Waptokwa Zawre (Grande Deus) por permitir que eu realizasse esse trabalho e chegasse até aqui.

Aos meus pais, Amaro Nunes de Araujo e Otfilia Ferreira de Araujo por ter me incentivado desde criança até hoje a estudar, por me direcionar neste caminho mais certo que a vida nos leva. Aos meus irmãos e irmãs pelo apoio que me deram neste processo da minha formação.

A meu esposo Tonin, pelo companheirismo por estar sempre ao meu lado me incentivando e apoiando em todas as decisões em que eu tomava. Também os meus filhos Janisson Ferreira Mota e Isenâwa Ferreira Mota por ter tido a paciência de esperar a sua mãe neste processo de formação.

A todos os caciques e lideranças do meu povo Xakriabá em especial ao cacique Domingos que depositou sua confiança em me quando assinou a minha declaração, para que eu pudesse estudar na UFMG, quero parabenizar por ser uma das melhores universidades do mundo, e por tudo que eles passaram para conquistar esse direito, para que nos povos indígenas pudéssemos estudar em uma universidade federal.

Ao pajé Vicente em memória por todo o seu cuidado por ter acompanhado a minha jornada de estudo na UFMG do início ao fim! Sinto até hoje a sua presença. Ao Robismar Xakriabá por ter enviado o meu memorial e ajudado na construção do meu TCC. A minha sobrinha Thawane por fazer parte junto nesta construção. Ao Edgar Kanaykô Xakriabá e a Flávia Xakriabá por fornecer dados importantíssimo para a construção desse meu trabalho acadêmico.

A minha orientadora professora, Angelica Adverse por toda a sua dedicação e empenho neste projeto com muita paciência e carinho do início ao fim. Agradeço ainda por todo os seus ensinamentos nessa trajetória de pesquisa para tornar possível esse percurso. Muito obrigado por tornar esse trabalho de investigação tão potente e incrível! Sem sua ajuda esse meu trabalho não seria possível.

Agradeço a banca composta pelas professoras Luciana Nacif e Célia Xakriabá pela leitura atenta e pelas sugestões.

As bolsistas Débora, Priscila, Rejane e Cláisse e as demais que eu não me lembro, que dedicaram toda a sua paciência e carinho desde o início e fez parte na construção e no desenvolvimento desse meu trabalho. Vocês são muito especiais obrigado pela ajuda!

A todos os professores do FIEI, em especial, aos professores da habilitação de Línguas Artes Literatura (LAL). Meu muito obrigada pela preocupação cuidado e carinho que vocês têm com todos os alunos que passa pelo FIEI. Gratidão!

Não poderia deixar de agradecer ao professor Wellington por nos proporcionar momentos incrível de distrações nos fazia sorrir sem querer só para conseguir tirar uma foto para sua coleção como ele sempre dizia. Gratidão por tanto carinho professor!

Agradeço a minha sogra Aldina e minha cunhada Nelma e concunhadas Leomira e Jessimara por ter cuidado tão bem dos meus filhos. Aos professores da Escola Oaytomorim que recebeu os meus filhos durante meu processo de estudo aqui na UFMG.

A minha cunhada Cleonice e minha sobrinha Elizabete por ter cuidado dos meus pais durante esse período em que eu estava em Belo Horizonte, eu sei como foi difícil eu saí de casa muitas vezes e deixa eles doente.

A família FIEI, que me apoiou desde quando souberam da notícia que eu tinha sido aprovada no vestibular. Vocês me ensinaram o caminho certo de chegar até Belo Horizonte e como me virar. Agradeço imensamente por todo o apoio que me deram nos momentos em que a emoção falava mais alto que a razão, foi momentos difíceis ao longo desse trabalho, mas também teve muitos momentos incrível ao lado de cada um de vocês. A todos os meus colegas de classe pataxó, Xakriabá e guarani que passou a fazer parte da minha vida se tornando grandes amigos. Gratidão por tudo.

As minhas entrevistadas Maria Xavier, Eva Xakriabá, (Sipsedi Xakriabá), Wakdi Xakriabá, Kawany Xakriabá, aos meus colegas de trabalho Wagner, Gisele, Regiane por ter substituído meu turno dentro da sala de aula durante esse meu período de formação, aqui na UFMG, meu muito obrigado. Também quero agradecer toda a direção da Escola Bukikai por todo o apoio que me deram.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma com esse meu trabalho sem a ajuda de vocês talvez esse trabalho não teria chegado nesta conclusão final. Obrigada UFMG!

Simikrã¹

Simikrã wahikwa
Simikrã wahikwa

Simikrã, wahikwa

Hey na hê, na hê na hê
Hey na hê, na hê na hê

*Hey na hê,
na hê naha*

¹ Canto tradicional sem tradução para o português.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre as roupas confeccionadas na comunidade Xakriabá, ou seja, mostra o passo-a-passo de como são criadas as vestimentas e como é a sua manufatura. A pesquisa apresenta as formas de uso das pinturas sobre as superfícies, com o intuito de documentar o processo e contribuir para que esse saber-fazer seja um referencial para resguardar a memória do artesanato indígena para as novas gerações. Ao longo da pesquisa, observou-se que este saber-fazer, enquanto patrimônio imaterial, não tem sido preservado. Como consequência, poucas pessoas na comunidade criam e preservam as vestimentas tradicionais. A metodologia do trabalho parte da abordagem da memória oral e, por intermédio de conversas, foram coletados depoimentos de artesãs, mais precisamente foram realizada cinco entrevista com as indígenas Xakriabá que tem o conhecimento sobre essa prática e sobre a sua verdadeira importância do uso para o meu povo. Para que houvesse maior aprofundamento do trabalho, documentou-se fotograficamente, uma oficina de confecção das vestimentas de palha. O material produzido nesta pesquisa poderá ser útil como suporte nas escolas das aldeias Xakriabá, pois nela contém as descrições de como produzir as vestimentas tradicional Xakriabá, seus significados e a forma do uso, durante essa etapa da pesquisa pode compreender o quanto e importante a prática desse conhecimento sobre esse tema abordado, por isso devemos preservar e valorizar essa prática que foi passado de geração para geração.

Palavras-chaves: Vestimenta Xakriabá, Artefato, Luta, Resistência, Povo Xakriabá.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Pintura encontro das aguas, significa fauna e flora é também moradia.....	23
Figura 2: vestido adulto com a pintura encontro das águas.....	24
Figura 3: Toalha de mesa com a pintura encontro das águas.....	25
Figura 4: Vestido infantil com a pintura encontro das águas.....	26
Figura 5: camiseta com a pintura encontro das águas.....	26
Figura 6: Afresco Padre José de Anchieta no Brasil, Paul R. Burley, Palácio Anchieta, Vitória, s/data.....	27
Figura 7: Roupa do ritual sendo representado na cor verde. Ao lado sendo representado na cor amarela.....	32
Figura 8: vestimenta de choche, momento de luta em Brasília.....	32
Figura 9: Momento de preparação da pintura no rosto para o ritual.....	33
Figura 10: Momento de ritual no encontrão da juventude no primeiro Acampamento na aldeia Prata.....	34
Figura 11: Momento em formatura na Aldeia Rancharia.....	34
Figura 12: Sipsedi Xakriabá usando top e saia de palha combinando com uma bolsa também feito em palha.	35
Figura 13: Uru de crochê que antigamente era feito em palha de coco, Maria Xavier, 2024.....	38
Figura 14: Uru de palha de coco cabeçudo antigamente era usando para pegar frutos dos gerais.....	39
Figura 15: bolsas de crochê	39
Figura 16: A vestimenta de crochê sendo representada por Sipsedi Xakriabá.....	40
Figura 17:Blusa de crochê sendo usada em formatura.....	40
Figura 18: Eva Xakriabá confeccionando a vestimenta.....	42
Figura 19:vestido infantil na cor vermelha com a pintura encontro das águas.....	43
Figura 20: primeiro passo para fazer o top de palha molha a seda.....	45
Figura 21: Segundo passo iniciou da trança.....	45
Figura 22: terceiro passo é costura a seda já no formato do top.....	46
Figura 23: Quarto passo top já finalizado.....	46
Figura 24: Pequeno cesto feito também da seda do buriti, por Graciele.....	47
Figura 25: Bolsa de seda feito pela artesã Leomira da Aldeia Prata.....	47
Figura 26: Sipsedi Xakriabá da Aldeia Sapé.....	48
Figura 27: Kawany Xakriabá da Aldeia Prata.....	50
Figura 28: Uso de roupas que eu passei a adotar.....	59

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
1.1.	Apresentação Pessoal	12
1.2.	Povo e Educação Xakriabá.....	18
1.3.	Metodologia de Pesquisa.....	27
1.4.	Justificativa.....	27
2.	A ROUPA ENTRE A MEMÓRIA E A MODA	30
2.1.	Inventários, continuidades e descontinuidades	30
2.2.	A Moda & as Formas de Uso.....	31
2.3.	Contos & Pontos: narrativas do fazer.....	36
2.4.	Entrevista com as moradoras das comunidades vizinhas.....	36
3.	O ARTESANATO E A MODA	50
3.1.	Criar roupas indígenas virou moda!	50
3.2.	Adotar a moda indígena: Uma ação de resistência!	52
3.3.	Reconhecimento & Inclusão: os impactos ambientais, sociais e culturais	53
4.	FAZER MODA: CONSTRUÇÃO GRADUAL DO ESTILO INDÍGENA.....	54
	CONCLUSÃO.....	61
	Referências	63

INTRODUÇÃO

Meu nome é Euselia Ferreira Araújo, tenho 35 anos, sou filha de Otília Ferreira de Araújo é Amaro Nunes de Araújo, tenho três irmãs e quatro irmãos, sou casada com Antônio Santana da Mota 35 anos, eu tenho dois filhos, um de dez anos e outro de oito anos. Trabalho como professora desde 2009 na Escola Bukikai na (Dazakru Duikwa). A aldeia Sapé é a minha comunidade, ela está localizada na terra indígena Xakriabá, município de São João das Missões. A minha relação afetiva com a educação se inicia no meu primeiro contato com a escola, pois quando eu tinha 7 anos de idade, os meus pais me matricularam na escola Bukimuju². Eu sempre gostei de estudar e não faltava nem um dia a aula, porém sempre tive que ajudar os meus pais com os afazeres, tanto de casa como da roça nos tempos das plantações e colheitas.

A minha luta na escola nunca foi fácil, estudei da 1^a série até a 5^a série na minha Aldeia Sapê, já na 6^a série em diante foi um pouco mais difícil porque não tinha professor para trabalhar com essa série aqui na minha Aldeia. Então, eu fui obrigada a estudar em outra Aldeia próxima da minha Aldeia chamada Barra do Sumaré. Que também era uma escola indígena, porém ficava um pouco distante, esta escola ficava a 6 km da minha Aldeia, eu levantava todos os dias 5:00 horas da manhã escovava os dentes e ia para escola, às vezes não tinha caderno porque meus pais não tinham dinheiro para comprar, mas eu ia assim mesmo, nos períodos da chuva, eu tinha que atravessar um rio para chegar até a escola, porque essa escola ficava do outro lado do rio e para ter acesso a ela, eu tinha de atravessar esse rio de canoa e era muito perigoso. A canoa que a gente utilizava para o transporte diário era toda remendada e cheia de buracos. Quando eu e meus colegas entrávamos na canoa, eu já tinha um copo dentro da canoa que era para retirar a água que juntava, enquanto o remador que se chamava Seu José de Cristino conduzia a canoa cantando uma bela canção para que todos nós pudéssemos atravessar o rio em segurança. Seu José também era um ancião muito sábio que conversava com os pássaros.

² Barra do Sumaré é uma pequena Aldeia que ficava 6 km da minha Aldeia Sapé. A escola na verdade era uma escola improvisada que os moradores da comunidade construíram e a utilizavam para lecionar cursos da primeira série a oitava série. Ela era uma escola bem simples feita de pau-a-pique com uma cobertura estruturada com uma lona. Esta escola não tinha cadeira para sentar e nem carteira para que pudéssemos colocar os cadernos, não tinha merenda e várias outras coisas. A minha primeira relação com a educação me apresentou, inicialmente, uma experiência de luta e de resistência para a minha formação.

Chegando à escola, a professora (Cleusa) me dava uma folha de papel *Chamex*, e assim eu ia aprendendo aos poucos, muita das vezes não tomava café em casa e nem na escola, por ser uma escola recém-criada de pau-a-pique construída pelos moradores da aldeia. Ela era uma escola bem simples e com poucos recursos, contudo, esta escola tinha como sonho e objetivo formar os novos professores da comunidade.

Lembro-me que o assento dos alunos era um banco de madeira e não tinha carteira para discentes guardarem e apoiarem os materiais. As crianças escreviam e desenvolviam as atividades com os materiais (cadernos e lápis) sob o colo. Não tinha merenda na aquela época e era bem difícil merenda nas escolas porque as demandas das aldeias, era muito grande. Então, inúmeras vezes, as escolas de “segundo endereço” eram esquecidas. Estas escolas eram um tipo de sede de escolas principais e ficavam sempre em segundo plano no processo de recebimento de verbas e de fomentos. Então, eu era obrigada a estudar com fome e convivendo com muitas carências, mas isso não impediu a minha formação da oitava série em 2005. Em 2006 continuei com os meus estudos do primeiro ano do ensino médio na escola Bukimuju, na Aldeia Brejo. Naquele tempo, ela era a única escola que funcionava o ensino médio, era uma escola muito boa porque trabalhava muito as práticas tradicionais do povo Xakriabá, dentre as práticas de ensino tinha oficina de cantos xakriabá, destaco: a confecção de peneira, a confecção de balaios e oficina de pinturas Xakriabá. Este contato para mim foi muito bom, eu aprendi muitas coisas boas e uma delas foi o aperfeiçoamento da pintura indígena! Eu falo aperfeiçoamento porque eu já pintava desde os meus 12 anos de idade. Nesta escola, eu fiz novos amigos, mas devido à distância acabei desistindo. Eu interrompi os meus estudos no segundo ano do ensino médio. Em 2010 surgiu o ensino médio na aldeia Morro Falhado, uma Aldeia bem próxima da minha casa e voltei a estudar, em 2011, eu me formei, concluindo o terceiro ano do ensino médio.

Dentro da minha aldeia, eu sou muito participativa com relação às atividades cotidianas. Aqui na Comunidade Dazakru Duikwa (Aldeia Sapé) tem vários eventos culturais e religiosos: como noite cultural, festejo de Santa Cruz, festa de casamento, reuniões. Dentre as atividades que eu mais gosto, está a contação história a beira da fogueira, onde as crianças e jovens ouvem os anciões contarem histórias do povo Xakriabá. Eu adoro ouvir a minha mãe contar a história de uma indígena que se apaixonou por um rapaz não indígena, e ela me chama atenção porque desde pequena a minha mãe contava para mim. Então essa história se inicia assim:

Um dia um rapaz branco resolve sair de sua casa para apanhar lenha para a sua mãe na floresta, e esse rapaz sempre carregava com ele um lencinho vermelho no bolso da sua camiseta, nessa

procura da lenha ele se perdeu em meio a floresta. O rapaz se desesperou porque não sabia o que iria fazer. Então, naquele exato momento, chegou um grupo de indígena que já começou a apontar as flexas para ele no intuito de ele virar jantar, porém no meio desse grupo indígena tinha uma linda moça, que quando a viu o lenço vermelho no bolso do rapaz se apaixonou perdidamente por ele, aí ela já começa a morder um e outro para que eles saíssem de perto do rapaz. A partir disso, só ela podia tocar nele, não deixava ninguém tocar nele, então a moça falou para o Pajé que iria se casar com o rapaz porque estava apaixonada por ele. Então, ela enfrentou todo mundo da aldeia que é contra o casamento dela, mais no final o pajé o deixou viverem juntos. Durante esses anos de convivência, o rapaz sempre procurou um jeito para fugir daquela aldeia que ele tão pouco gostava, mas como a esposa dele não o deixava sozinho em nenhum momento do seu dia a dia, ele nunca achou essa oportunidade de ir embora. Todos os dias os indígenas saiam para caçar e o levavam junto para que ele pudesse aprender a caçar também, entre as caças deles tinha carne de veado, tatu, paca etc. Eram carnes cruas porque eles não usavam fogo para cozinhar os alimentos, raízes de algumas árvores e frutos e mel, dentre esses alimentos, o rapaz comia apenas os frutos e o mel. Ele não comia as outras coisas. Os dias foram passando e a moça engravidou e teve uma linda kuhinã (criança), essa criança era a alegria do rapaz. Entretanto, ele nunca esqueceu de sua mãe e sempre pensava em fugir, certo dia ele fingiu estar doente para não ir caçar com os indígenas, falou para sua esposa que ela podia ir procurar frutas e mel para ele, que ele iria cuidar da criança. Quando a esposa dele saiu, ele colocou a criancinha para dormir na rede e saiu correndo em direção ao rio, neste exato momento ia passando um barco e ele pediu carona e foi embora, quando ela chegou e procurou pelo rapaz e não encontrou. Ela abriu a boca chorando desesperada pegou seu filhinho na rede e correu para a beira do rio, como o rio era o único meio de saída da aldeia, através dos barcos então ela foi procurar ele lá. Quando chegou à beira do rio lá está o barco passando e o rapaz dentro dele, essa moça gritava mostrava o filho deles dois, para chamar a atenção, chorava e o rapaz ele nem ligava pra ela, então, viu que ele não voltaria mais então ela jogou o filho deles dois dentro do rio e infelizmente o filho deles acabou morrendo afogado, porque o pai da criança estava tão desesperado para ir em bora para a sua casa que nem se importou com o filho; entao ela pulou no Rio e nadou, nadou até chegou na beira do barco, o rapaz pegou ela e colocou no barco, todo mundo ficava olhando pra ela porque ela estava nua então umas senhoras que também está no barco deu o rapaz um vestido para ele cobrir ela, porém ela não quis se vestir, tudo que o rapaz dava ela para vestir ela rasgavam jogavam fora, quando chegou na cidade, o rapaz se lembrou que ela gostava de vermelho, então ele comprou um vestido vermelho para ela, ai ela gostou do vestido e não tirou mais, a partir daí ele passou a ensinar todos os conhecimento do mundo do não indígena para ela, e eles foram felizes para Sempre. (Conto popular indígena, sem autoria, sem paginação)

Sempre gostei de ouvir os mais velhos contarem suas experiências de vida porque eu aprendo muito os ouvindo e observando. Eu faço parte de um Grupo Cultural, cujo objetivo é fortalecer nossa cultura resgatar memória viva do Povo Xakriabá, além de incentivar mais pessoas a cultivarem a memória de nossos antepassados. Eu faço parte da AJUX (Articulação da Juventude Xakriabá), *Wanori to Wapte* que significa: nós somos jovens Xakriabá. Participei, igualmente, de vários outros movimentos fora da Aldeia como (ATL) Acampamento Terra Livre, Marcha das mulheres indígenas e vários outros. A minha participação se deve ao fato de buscar mais conhecimento para garantir aos meus alunos uma educação de qualidade e trazer um retorno para meu povo Xakriabá. Ainda hoje, está muito difícil lutar e manter de forma semelhante a força bruta da luta que os nossos antepassados tiveram em suas lutas. Hoje, uma

das armas simbólicas que mais nos fere e retira os nossos direitos é a caneta, pois as assinaturas que os destituem são continuamente aprovadas nas instâncias de poder. Então, nós temos que buscar a cada dia mais conhecimento para que também possamos aprender a usar essa arma ao nosso favor! Assim como uma simples caneta pode retirar os nossos direitos, ela também pode nos ajudar a lutar, preservando um pouco do direito que ainda nos resta. Eu sempre tive vontade de conhecer o estudo fora da aldeia como também levar um pouco de conhecimento da História do meu povo para fora da aldeia.

Quando eu recebi a notícia que tinha sido contemplada pela UFMG na área de Línguas, Artes e Literatura, eu fiquei tão emocionada que não acreditei que esse meu sonho estava sendo realizado após quatro tentativas. Lembro-me que chorei muito nesse dia, mas foram lágrimas de felicidade. Para a minha surpresa, a felicidade foi dupla! Nesta mesma hora, eu havia descoberto que meu esposo também havia passado na mesma habilitação. Este dia foi maravilhoso, eu ganhei várias felicitações da minha família e amigos. Entretanto, havia uma pequena dúvida, talvez por falta de esperança, então, eu fui conferir se realmente eu tinha passado. Eu nunca vou me esquecer de agradecer primeiramente a grande Deus (waptokwa zawre) e às lideranças da minha comunidade! Tenho gratidão ao Cacique e às pessoas que assinaram as declarações para que eu pudesse fazer a prova do vestibular. A partir daí, eu comecei uma grande jornada nos trilhos que me conduziam a um grande sonho: ter uma formação!

Meu percurso acadêmico iniciou-se assim: eu recebi a notícia que o módulo iria iniciar em março de 2020. Eu fiquei feliz e com muitas expectativas, imaginando como seria a UFMG! Eu estava ansiosa para conhecer a UFMG e para saber se o espaço era grande ou pequeno. Contudo, recebi a triste notícia de que os estudos seriam oferecidos de modo remoto (online) devido à Pandemia da COVID19. Esta crise sanitária que estava ocorrendo no mundo todo devido ao desequilíbrio da nossa relação com o Planeta. Por este motivo, nós estudamos quase dois anos pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, logo após o controle da Pandemia ser realizado pelo processo de vacinação, eu pude vivenciar a experiência de me deslocar para Belo Horizonte para estudar. Finalmente, chegou o sonhado dia de ir para Belo Horizonte! Sonho que se realizou no dia 22 de abril de 2022, nós saímos para BH em busca de realizar esta formação para trazer retorno e propor uma formação para a minha Comunidade Dazakru Duikwa (Aldeia Sapé).

O processo da viagem ocorreu de forma tranquila e ao chegar em BH (a forma como as pessoas chamam a cidade) eu fiquei hospedada no hotel L'Espace. Os alunos Xakriabá veteranos já tinham organizado tudo e alugado os quartos para todos nós. No dia seguinte, nós fomos para a FaE/UFMG. Ainda me lembro como fiquei encantada! Pensei e comentei aos colegas: meu Deus como a UFMG é enorme! E neste mesmo dia, nós iniciamos com uma assembleia de início do Módulo de Estudo; conhecemos todos os professores, bolsistas, coordenadores do curso e da minha turma. Logo de início, eu já fui me adaptando aquele ambiente meio estranho: com uma enorme onda de pessoas que não tinham tempo para nada! As pessoas, muitas das vezes, nos “olhavam torto”, isto é, com uma expressão de desagrado. Eu tive a impressão de que não estavam gostando de que nós, os indígenas, percebi pelo olhar de alguns frequentadores que havia um preconceito em relação aos indígenas; era como se não pudéssemos estar ali, ocupando aquele espaço junto com eles, na universidade. Algumas pessoas nos davam bom dia, mas outras não.

Talvez, a gente não estivesse acostumado à vida atribulada da cidade e às relações sociais baseadas na indiferença afetiva. O local onde eu e meus colegas ficamos hospedados nas duas primeiras semanas foi uma maravilha, mas com o passar do tempo, os hóspedes e os funcionários começaram a reclamar dos indígenas. Estas pessoas nos diziam que não era para fazer barulho no corredor... a gente não podia nem mesmo conversar.

Na hora do nosso ritual, tínhamos de respeitar às 22:00 horas da noite. Além disso, nós também fomos privados de estudarmos em umas mesas que estavam no corredor e entre outras coisas; no Restaurante Universitário da UFMG não foi diferente, infelizmente. Muitas pessoas nos olhavam com cara de nojo, teve um dia que eu e minha colega fomos nos assentarmos em uma mesa que estava dois (Ora djoyka) homens brancos, quando nós nos assentamos ao lado deles, eles se levantaram e mudaram de mesa. A nossa experiência comunitária é muito diferente da cidade e das pessoas que frequentam a universidade. Então, a partir daí, eu tive a certeza de que nada daquilo iria me abalar porque o espaço educativo e o espaço da cidade também eram nossos. Afinal, os povos indígenas também pertencem ao espaço público brasileiro, e nós também podemos participar da vida republicana, integrando a Urbis em sua totalidade: o espaço educativo da escola e os demais lugares de lazer e cultura da cidade. Entretanto, a partir daquele dia, eu compreendi (silenciosamente) que há uma socialização diferente na vida da cidade. As pessoas são pouco abertas à diferença e à diversidade do povo brasileiro. Por isso, eu adotei a postura de reciprocidade e evitei me assentar em mesas com pessoas não-indígenas. Resta-me

uma dúvida: existe uma cadeira nos espaços da UFMG dedicada à amizade para acolher o outro em sua diversidade? Pois percebi que, diante da correria no dia a dia da vida universitária, há pouco lugar para o acolhimento que zele pela amizade e que compreenda diferença. Ainda que estejamos estudando numa escola de educadores, eu percebi que a universidade não ensina algo fundamental para a vida coletiva, ela não ensina as pessoas a importância da vida coletiva. Eu percebi que na universidade ninguém se socializa. Era muita correria ao longo do dia, mas para mim tudo estava tranquilo...eu continuo aprendendo silenciosamente, apenas observando a diferença entre os modos de vida. Nas escolas da nossa comunidade Xakriabá aprendemos a importância da vida em comum.

Ao assistir as aulas no dia seguinte eram muito diferentes do Ensino Remoto Emergencial (ERE), tudo era muito bem explicado e as atividades se tornavam mais fácil para se resolver. Nem parecia que no Ensino Remoto Emergencial (ERE), eu quebrava a cabeça para resolver aquelas atividades. Os professores sempre tão carinhosos e pacienciosos com os estudantes. Contudo, os dias foram passando e a saudades dos meus filhos foi aumentando, mas segui firme. Meu objetivo maior era voltar formada e dar um bom retorno para meu povo Xakriabá.

Daí, em um dia na sala de aula, o professor Marco Scarassatti me perguntou se eu já tinha um tema do meu TCC. Então, surpresa eu respondi: o que é isso professor? E ele me respondeu dizendo que TCC seria o Trabalho de Conclusão do Curso que fazemos no processo final do curso. Todas as pessoas têm uma formação na UFMG passam por este momento de estudo. Em seguida, ele me pediu para que eu fosse pensando em um tema. Naquele instante, eu me assustei um pouco e pensei a respeito do que eu deveria fazer. Diante da minha surpresa, o meu esposo que estava na mesma habilitação que eu, me convidou para que nós dois fizéssemos juntos. Sobre O envolvimento da juventude indígena Xakriabá na luta pelo território no acampamento terra livre. Eu já estava quase convencida que iriam fazer sobre esse tema junto com ele, mais aí quando teve o Inter módulo no território, e ao conversar com professor Adriano, ele me falou uma coisa; que eu tinha que trabalhar um tema de percurso em que eu me identificasse com o tema, e soubesse desenvolver bem a pesquisa, que eu teria que ter uma relação com o tema, aí eu falei, eu já sei qual vai ser meu tema! Vou falar sobre as vestimentas Xakriabá como forma de luta e resistência, porque é um tema que eu sei falar sobre ele, é uma forma de eu aprender mais sobre algo que eu gosto, e talvez incentivar mais pessoa a falar sobre as vestimentas do povo Xakriabá. Assim, eu fui buscar informações sobre as vestimentas

Xakriabá, descobri que muitas das vestimentas Xakriabá foram deixadas de ser usada pelo povo Xakriabá, devido ao processo da colonização, que implantaram seus costumes do modo de vestir e da moda. As pessoas dos nossos antepassados foram obrigadas, pelos colonizadores a abandonar seu modo de se vestir tradicionais Xakriabá, para usarem as mesmas roupas que eles usavam. A minha mãe Otfília relata que a minha avó Maria sempre fazia as suas próprias roupas, porque ela não queria usar roupas semelhantes ao vestuário da cidade ou da forma como nos expressamos: “a roupa das pessoas brancas”. Por este motivo, a minha avó Maria plantava o seu algodão, o colhia, o fiava, o tecia, com o objetivo de criar e de produzir as suas próprias vestimentas.

Diante da minha experiência de vida e de como cada detalhe dela era uma forma de aprendizagem constante da minha tradição, eu resolvi escolher esta parte para propor uma escrita que pudesse registrar este “saber-fazer” das mulheres indígenas. Meu objetivo principal nesse Trabalho de Conclusão de Curso seria o de contar um pouco sobre a história de luta do meu povo, apresentando que esta luta passaria pela sobrevivência da nossa forma de aparência e de aparição no espaço público. Eu pretendo mostrar como as vestimentas estão presente em nosso dia a dia como forma de criar peças para a moda, trazendo a importância da força ancestral, pois nelas ainda estão contidos os nossos costumes, a nossa história cotidiana e tradição de nosso povo.

Atualmente, essa pesquisa tem como ponto central estudar a importância da moda indígena como forma de preservar a cultura dos povos Xakriabá. A ideia central do texto seria o de narrar a simplicidade do estilo vestimenta e o modo como podemos preservar as técnicas de confeccionar as vestimentas. Acredito que seja uma forma de contribuir para a valorização da memória do meu povo Xakriabá.

De acordo com Araújo (2020), o povo Xakriabá pertence ao tronco linguístico *Macro Jê*, divisão Akwẽ, e tem como parentes mais próximos e pertencentes ao mesmo tronco linguístico os povos Xavante e Xerente. O povo Xakriabá hoje têm uma população de aproximadamente 10 mil indígenas, com uma área de 53.213 mil hectares de terra, dividida em 36 aldeias, segundo a organização interna do povo Xakriabá. A primeira parte do território Xakriabá foi demarcada em 1979, mas só foi homologada em 1987, devido a uma grande chacina que aconteceu na aldeia Sapé.

Sempre ouvi a minha mãe narrar a história de luta e resistência do povo Xakriabá em que ela conta sobre o massacre de três indígenas Xakriabá no dia 12 de fevereiro no ano de 1987. Um grupo de fazendeiros e grileiros de terra entraram no território Xakriabá invadiram a residência do cacique Rosalino Gomes, na aldeia Sapê às 2 horas da madrugada, com várias armas de fogo e outros tipos de armamentos. A minha mãe me contou que nesse dia dava para ouvir os tiros e os gritos de choro das pessoas que estava ali no local. Quando foi bem mais tarde, nos contaram a triste notícia de que os fazendeiros tinham assassinado três indígenas Xakriabá: o (Cacique) Rosalino Gomes de Oliveira, Manoel fiúza da Silva e José Pereira da Santana. Ela fala que esse acontecimento teve grande repercussão dentro e fora do território e, que depois desse acontecimento, as terras Xakriabá foram demarcadas. Um pouco mais tarde, no ano de 2003, a segunda parte foi homologada desta demarcação foi concretizada, a terra Xakriabá Rancharia.

Hoje, o povo Xakriabá já conseguiu ampliar grande parte do território, que na época da demarcação ficou de fora. O povo Xakriabá já se encontra bem estruturado, principalmente em relação a saúde e educação, atualmente, nós já temos um corpo de profissionais formados atuando na área da saúde e professores formados atuando na educação. Anteriormente, a saúde não era boa porque faltava profissional nessa área e não se tinha espaço para a educação indígena. Quanto à formação de professores, idem, era do mesmo jeito e faltava espaço para escolas. Além disso, não tinha profissionais para atuarem dentro das salas de aulas, algumas vezes na semana, vinham professores para atuar no território e, em outros momentos, não havia educadores.

A Primeira Escola Xakriabá foi criada por não indígenas, a escola no território não era indígena, os professores não indígenas vinham das cidades vizinhas São João das Missões e Itacarambi para lecionarem no território, esses professores chamavam Veronica, Adriana, Júlio, Salvador, Maria Aparecida Ramos. Eles atuavam de três a quatro vezes por semana e não atendiam às demandas de nossa Aldeia. Na maioria das vezes, as crianças ficavam prejudicadas nas suas aprendizagens.

No ano de 1998, foi criada a Escola Estadual Indígena Xakriabá. Está centralizada na aldeia Brejo Mata Fome, pois foi a primeira Escola a ser implantada dentro do território indígena Xakriabá. A educação escolar indígena diferenciada, com atuação de professores indígenas, onde funcionavam as turmas do ensino fundamental 1 e, com muitas demandas,

iniciou o fundamental 2. Através das lutas, veio a implantação do ensino médio e houve a conquista do contrato de professor de cultura, onde o primeiro professor foi o senhor Emilio Lopes, da aldeia Pedra Redonda. E, através dele, veio outras oportunidades de contratar novas pessoas como professor de cultura, onde a cultura é passada com algumas modificações.

A Escola Bukimujú, que assumiu a responsabilidade com a documentação das escolas dentro do território Xakriabá. Através da Escola Bukimujú, veio a criação das escolas nas aldeias dentro do território Xakriabá, mas responsável era a escola Bukimujú. E daí em diante foi sendo criado as outras Escola com modelo padrão, mais que agora está sendo modificada por um modelo indígenas de acordo com a nossa realidade com pinturas indígenas...

I. Apresentação do tema da pesquisa

As vestimentas tradicionais Xakriabá tem um significado muito forte para nós, pois ela traz o significado da história e a ancestralidade do povo, além de apresentar a beleza das pinturas e das cores que usamos em nossos corpos como proteção espiritual. Este trabalho artesanal também revela as cores do cerrado e da catinga, pois são essas cores que estão sempre presentes em nossas vestimentas. A criação das nossas roupas não está ligada à produção industrial das tendências internacionais, apesar de acompanharmos as mudanças da moda contemporânea. O nosso processo de trabalho tem relação com os ciclos da natureza. Respeitamos o contexto temporal, pois as estações da natureza nos guiam. Existe todo um contexto por traz de tudo, e todo nosso trabalho vai depender da floração das árvores e da colheita do fruto. Por exemplo, antigamente a minha mãe extraia a cor era de uma planta chamado anil, mas a cor era verde, dependendo do dia que a deixa a roupa na vasilha ficava azul, além dessa planta em outra aldeia se usava o barro preto para o luto quando morria uma parente próximo pai mãe, irmão, as pessoas fazia esse preparo, em que consistia em abri um buraco no chão em um lugar úmido onde se localizava esse barro preto, dentro desse buraco colocava a roupa ou tecido que seria para o tingimento, teria que ser um tecido mais claro, essa roupa ficava lá por três dia, depois dos três dia já poderia retirar a roupa para lavar e depois fazer o uso, porque não podia vestir vestimentas Vermelha durante esse período do luto. Já atualmente não fazemos mais esse processo do tingimento, porque tudo está tão mais fácil que as pessoas já compram os tecidos já coloridos, então não tem mais todo aquele processo do tingir, e amarelo não é diferente, também compramos o tecido amarela, as linhas amarela para

o fazer das vestimentas. O Amarela é a mais usada pelo povo Xakriabá. Porque representa a cor cerrado.

A natureza é a nossa cidade, a natureza é quem constrói o nosso espaço de criação. Assim, o espaço do cerrado é onde encontramos nossos alimentos e, igualmente, os nossos ornamentos. Existe uma organicidade na produção do que é utilizado para a vida e para o adorno nas nossas vidas. Por isso, amarela também tem o significado de proteção. Também usamos o vermelho, que para o meu povo significa luta e resistência com a força do Urucum.

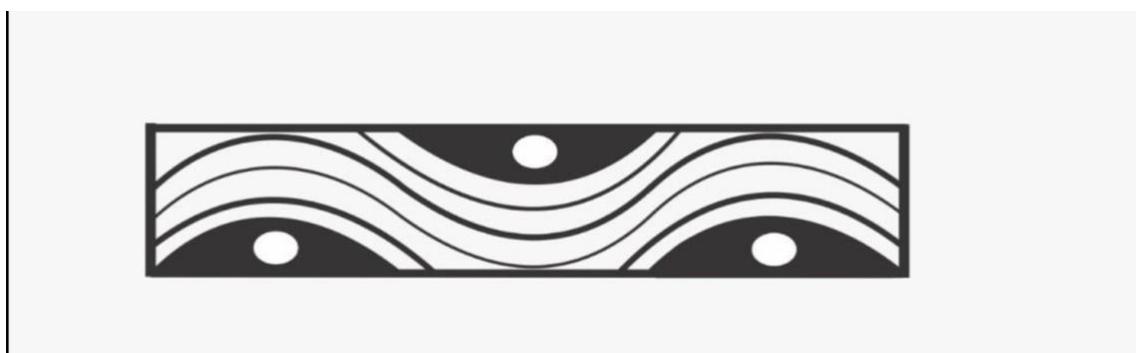
O guarda-roupa indígena é muito básico (tal como a moda ocidental denomina), pois criamos peças para ocasiões de uso. O povo Xakriabá usa três tipos de vestimentas: a de palha extraído da arvore chamada de Buriti, a roupa de crochê produzida artesanalmente à mão e a roupa confeccionada com a pintura indígena. Estas peças são criadas e produzidas pelas artesãs do território.

Assim, falar a respeito da vestimenta Xakriabá seria narrar um pouco sobre a nossa vida cotidiana, vida que expressa como cada ação representa uma parte da nossa luta para ressaltar a importância e a valorização da nossa diversidade cultural. Diferentemente, das representações ou princípios do senso comum a respeito da aparência e da aparição dos indígenas no espaço público, nós também somos diversos. E a nossa identidade é fluida, pois também representamos a mudança e acolhemos muitas mudanças da história ocidental. Falar sobre a moda indígena é apresentar estas mudanças, pois elas nos permitem representar que as diferentes culturas sejam aqui descritas e através das peças de roupas que são criadas nas comunidades, expressando a verdadeira identidade do povo Xakriabá. Falar sobre as roupas indígenas é incentivar que o nosso povo reconheça que nós podemos produzir a nossa moda, que nós podemos nos entender como um povo que cria a sua vestimenta, incentivando outras comunidades e pessoas não indígenas a adotarem o uso do vestuário Xakriabá. Pois nós utilizamos as vestimentas produzidas nas comunidades em vários eventos como as festas na aldeia, as noites de cultura, nas formaturas, nas reuniões dentro e fora da comunidade, em nossos rituais sagrados, no Congresso Federal etc. Por exemplo, Célia Xakriabá tornou-se uma referência para o estilo da mulher indígena porque ela porta as peças que são produzidas na comunidade para a comunidade.

A tradição do fazer pode contribuir nesse processo de empoderamento feminino, pois valoriza a identidade cultural das mulheres indígenas e as coloca em um destaque de reconhecimento na sociedade. O valor do campo da Moda para as comunidades indígenas se

dá porque podemos valorizar e incentivar a criação dos artefatos do vestuário. Assim, nós podemos incentivar mais mulheres das comunidades a desenvolverem projetos dentro da nossa comunidade. Tais projetos, contribuem para estimularmos o saber-fazer, tornando-as mais independentes financeiramente e possibilitando que estas mulheres se tornem, cada vez mais, emancipadas de modo a empreenderem por intermédio de suas criações.

FIGURA 1: PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS, SIGNIFICA FAUNA E FLORA É TAMBÉM MORADIA



Acervo pessoal: edgar kanaykō xakriabá.

Acredito que a vestimentas indígenas podem ser uma ferramenta de resistência cultural, pois elas permitem que os povos indígenas expressem sua identidade cultural através das roupas e dos acessórios que são utilizados. As nossas vestimentas podem mudar as mentalidades para que as pessoas sejam mais abertas às diferenças. Relato isto porque somos discriminados por vestirmos as roupas de produção não-indígena (a roupa produzida pelas pessoas brancas), mas a incorporação deste vestuário também é vista com enorme preconceito. Diversas vezes, nos perguntam se somos indígenas de verdade, entretanto, me pergunto se existem “indígenas de mentira”!

Contemporaneamente, o racismo e o preconceito se difundem de muitas formas. Para nós, os indígenas, é muito difícil conviver constantemente com tantas restrições. As vestimentas têm sido uma ferramenta de posicionamento fundamental. A nossa forma de se vestir revela como podemos preservar a nossa força ancestral e por intermédio de cada detalhe e de cada traço pincelado, as nossas vestimentas mostram a nossa sobrevivência. A pintura da superfície das nossas roupas é uma forma de exprimir uma das linguagens do povo Xakriabá. Por isso, eu quero destacar a importância das vestimentas, de estar sempre presente no dia a dia em nossos rituais sagrados trazendo essa força ancestral. Hoje estamos sendo protagonista

da nossa história e a moda ancestral indígena é uma das ferramentas pelas quais nós conseguimos retratar nossa arte ancestral, a nossa sabedoria, a nossa resistência e a nossa luta! Para que essa arte milenar chegasse até as minhas mãos, minhas ancestrais resistiram. Já tentaram nos tirar tudo, mas ninguém conseguiu retirar a nossa ancestralidade e os nossos sonhos de futuro e para o nosso futuro. Nossa moda também é luta, é um ato político de resistência!

FIGURA 2: VESTIDO ADULTO COM A PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS.



Fonte: Eva Xakriabá 2024

FIGURA 3: TOALHA DE MESA COM A PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS.



Fonte: Eva Xakriabá

A composição cromática está ligada a uma variedade de cores, começando com as cores primárias, como vermelho, azul royal, verde, preto e amarelo, o amarelo possui significados culturais profundos. O amarelo, por exemplo, simboliza o cerrado onde encontramos o pequi, uma fonte de alimento e renda, enquanto a combinação de amarelo e preto representa a onça, guardiã do território, amarelo enfatiza a relevância das cores e dos padrões, também é uma das fontes de referências à deputada Célia Xakriabá, que valoriza a moda tradicional que se tornou uma das grandes referencias para a juventude Xakriabá, que também passou a fazer esse o uso. O preto e o vermelho simbolizam luta e resistência, refletindo o luto da comunidade. O verde representa a natureza e tudo que se associa a ela. A escolha das cores é influenciada pelas vivências diárias da comunidade, e cada composição é cuidadosamente pensada.

FIGURA 4: VESTIDO INFANTIL COM A PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS.



Fonte: Eva Xakriabá 2024

FIGURA 5: CAMISETA COM A PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS.



Fonte: Mariele 21 maio 2024

1.1. Metodologia de Pesquisa

Para desenvolver essa pesquisa gravei áudios, vídeos, fiz trabalho de campo com as artesãs que já atua nessa área fazendo a produção, também colhi algumas entrevistas das pessoas que faz uso das vestimentas; li algumas postagens no Instagram da Célia Xakriabá na qual ela fala sobre a vestimenta indígena, li o percurso de Neuza Rodrigues da Silva Oliveira, sobre as roupas de palha tradicional Xakriabá. Assisti um vídeo que fala sobre o barro preto e luto no território xakriabá documentado por Edina Alves de oliveira. Tenho construído fichamentos dos textos estudados na faculdade, redigido alguns ensaios e pesquisado sobre as criações da moda.

1.2. Justificativa

As vestimentas tradicionais Xakriabá têm o papel fundamental para a comunidade Xakriabá, pois podemos expressar por meio de nossa aparência, os nossos sentimentos, os nossos hábitos cotidianos, os modos de uso das peças, criando uma estética ancestral. As pinturas carregam em si mesmas o significado histórico da luta de um povo resistente que passou por esse processo de colonização. Pretendo pensar com Paulo Freire a partir do livro “Pedagogia do Oprimido” (2000) que todas as ações cotidianas são importantes para a ação educativa.

FIGURA 6: AFRESCO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA NO BRASIL, PAUL R. BURLEY, PALÁCIO ANCHIETA, VITÓRIA, S/DATA.



acesso 9/9/2024

Fonte:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/30/Pal%C3%A1cio_Anchieta_Vit%C3%B3ria_Esp%C3%ADrito_Santo_T%C3%BCmulo_do_Padre_Jos%C3%A9_de_Anchieta_2019-3031.jpg

O ato de vestir assim como a ação de educar promove uma intervenção no mundo. Vestir-se exige de cada pessoa uma reflexão sobre a liberdade e a autoridade. No passado, meus ancestrais foram obrigados a se vestirem com a roupa do colonizador. Como cita Sant'Anna (2016, p.25), a distinção dos grupos indígenas que viviam aqui, antes da chegada dos portugueses, era feita por sua fala, mas havia uma diversidade visual. O olhar indígena sobre o colonizador não deve ter sido de admiração, mas de estranhamento.

A imposição do padrão estético continua sendo o nosso maior desafio. A cada época e a cada geração a vestimenta fala a respeito da diferença e da discriminação. O corpo ornado e desnudo tornou-se um hábito que colide com os costumes de uma civilização da cultura vestimentar têxtil, pois os corpos têm de estar revestidos seja pela proteção ou pelo trabalho de uma estética do artifício. A cultura da moda se estruturou pelos corpos revestidos por roupas ou acessórios. A importância desta pesquisa se justifica pela necessidade de se pensar a beleza do ornamento indígena e de afirmar que, para além da indumentária da tradição, as roupas expressam a mudança dos modos de vida de cada comunidade.

1.3. Objetivo

Meu objetivo é mostrar como as vestimentas estão presente em nosso dia a dia como forma de diversificar a moda, trazendo a importância da força ancestral, pois nelas ainda estão contidos os seus costumes, e tradição de um povo. Atualmente essa pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da vestimenta indígena como forma de preservar a cultura do povo Xakriabá, trazer a valorização das técnicas de confeccionar as vestimentas, assim contribuiremos para a valorização da memória do meu povo xaciabá. O verdadeiro processo de luta e resistência do povo Xakriabá, retoma a frase de Célia Xakriabá 12 de fevereiro de 2023: “Precisamos retomar esse lugar de conhecimento como uma ferramenta pontual de luta, mais sem perder o verdadeiro caminho de volta para casa”³. A verdadeira identidade do indígena que ele carrega é a sua cultura, o seu conhecimento e a sua ancestralidade; pois um indígena sem o conhecimento e sem a cultura do seu povo se torna um desconhecido.

³ Fala de Celia xakriabá em discurso no memorial xakriabá em reflexão aos 35 anos dos mártires do cacique Rosalino Gomes de Oliveira.

Desejo reforçar que, ao longo do processo histórico e violento de luta, vários povos foram forçados a perder um pouco de sua identidade, alguns até mais que os outros, porque tiveram contato direto com os chamados colonizadores ou invasores a partir de 1500. Como escreve Sant'Anna (2016, p.37), a pintura corporal não tem a mesma ideia da superfície da estamparia, reside na ideia do pertencimento e não da individualidade da moda. O que não quer dizer que não possamos nos individuar! Ao contrário, reafirmamos a nossa beleza adotando um estilo de pintura que dê continuidade ao estilo gráfico da linguagem Xakriabá.

O povo Xakriabá foi um desses povos indígenas forçados a parar de praticar muitos de seus costumes, que, com o tempo e aos poucos, foram retomando novamente, mas quase todos foram perdidos, como o caso da vestimenta tradicional Xakriabá. Mas como o povo Xakriabá é um povo forte e guerreiro, estamos de volta descolonizando as mentes, porque ainda tem muita gente que tem o receio de usar as vestimentas da nossa comunidade, as pessoas temem pela autoridade do outro. Elas imaginam continuamente o que outro vão lhes dizer ou repreender.

Poucas pessoas do povo Xakriabá usam as vestimentas tradicionais, vejo muitas delas com vontade de usar, mas ainda carregam o medo do “olhar colonizador”, assim nós transitamos, como explica a historiadora Mara Rúbia Sant'Anna (2016) da dominação à impossibilidade da diferença. A sociabilidade colonial revela para os indígenas que o medo de ser visto é mais forte do que o desejo de ser percebido. Em minha comunidade, é comum testemunhos do receio da forma como as pessoas vão nos olhares, porque os não-indígenas nos proibiram de usar as nossas roupas tradicionais, eles nos obrigavam a usarem as roupas da civilização urbana/citadina, para que os indígenas perdessem os seus hábitos vestimentas e os seus costumes do saber-fazer.

Desde pequena eu via a minha mãe cortar os tecidos e a produzir as nossas roupas, eu ficava observando-a costurar, eu até inventava umas roupinhas de boneca, ver a minha mãe costurar era tão especial para mim! Quando eu vi a Célia Xakriabá pela primeira vez fazendo o uso da vestimenta tradicional indígena em um ato político, eu achei tão lindo e aquilo me encantou e, despertou em mim, o interesse por querer estudar e aprender mais sobre as vestimentas Xakriabá.

Desde os meus 12 anos de idade, eu aprendi a técnica de fazer as pinturas indígenas no corpo e foi, a partir daí, que eu comecei a pintar pequenas peças de roupas. Atualmente, eu sou

bastante procurada na minha aldeia para pintar as vestimentas para ser usada em formatura. De certa forma, eu posso representar este saber-fazer da tradição do meu povo. Desejo documentar como fazer esse tipo de trabalho pode ser importante para a ação educativa. Aprendi a fazer observando os anciãs e sei que um dia, eu serei a anciã que ensinará para as novas gerações um certo modo de se fazer a vestimenta Xakriabá.

2. A ROUPA ENTRE A MEMÓRIA E A MODA

2.1. Inventários, continuidades e descontinuidades

Muitas vezes falamos sobre autonomia alimentar, mas nós também temos autonomia vestimentar, pois estamos ressignificando a moda. A vestimenta é tão importante para nós Xakriabá que chega até nos preocupar, sobre a forma de como nós devemos nos vestir, porque antigamente a minha mãe falávamos que a minha vó Maria nunca comprou roupa, porque ela mesma fazia as suas próprias roupas.

Vó Maria plantava o algodão colhia, tecia, tingia e fazia as roupas e existia, na região, outros anciões que fazia as roupas de palha de banana, da fibra de uma arvore chamado Ibiruçu, e Buriti; todo esse conhecimento foi repassado para as novas gerações para não perder esse processo do saber-fazer das vestes. Hoje tem algumas artesãs no território Xakriabá, que fazem as roupas, porém, elas preferem comprar os tecidos já tingidos. Elas preferem comprar a corda da piaçaba já prontos ao invés vez de tecerem ou de fazer o tingimento, indo à floresta para colher o material de produção das peças.

Acredito que com industrialização tudo foi modificando até as formas do fazer da vestimenta. Antes, as roupas eram mais simples, hoje, as vestimentas já sofreram tantas mudanças, que não a reconhecemos! Até a nossa própria matéria-prima se tornou mais moderna, mais estilosa, direi assim: contemporaneamente, a nossa vestimenta se tornou muito importante, importante tanto para nós quanto para as nossas futuras gerações. Ela é referência no Congresso Nacional com o estilo da deputada Célia Xakriabá, e pelo seu perfil de Instagram, como: costura Xakriabá.

Podemos apresentar as diferentes roupas Xakriabá em três categorias:

- Roupa-rito: As roupas do ritual são feitas de crochê ou de palha extraído da seda do Buriti que é uma arvore chamado Buriti. Estas roupas deixam o corpo mais exposto. As peças de crochê e as peças produzidas em palha têm como objetivo apresentar a silhueta do corpo. De acordo com a anciã da comunidade (que não quis sei identificar), as roupas produzidas a mão deveriam ser sagradas, pois eram destinadas somente para o momento do ritual. No entanto, segundo ela reportou: “hoje tudo já mudou muito, as roupas que antes eram usadas apenas nos rituais estão sendo usada para outras coisas.”
- Roupa-pintura: Tem algumas pessoas que gostam de usar as roupas feitas com a superfície recoberta pela pintura indígena. Elas são de uso cotidiano, são as roupas que utilizamos para diversas ocasiões. Estas roupas são produzidas por artesãs que dominam técnicas variadas: desenho, estampa, modelagem, costura, acabamentos nas superfícies têxteis (bordados e pinturas). A partir da superfície, as artesãs apresentam as pinturas Xakriabá. E muitas vezes, nós compramos as roupas produzidas por pessoas não-indígenas e as customizamos com desenhos, pinturas e bordados. Além de usarmos essas roupas durante o dia a dia, nós também usamos em festa na Aldeia, em reuniões ou em várias ocasiões especiais dentro e fora da comunidade.

2.2. A Moda & as Formas de Uso

Hoje em dia a moda indígena acaba sendo influenciada pela moda contemporânea, até porque o mundo está muito atualizado, e essa nova geração que acompanhar a atualização do mundo. Por exemplo, antigamente o povo Xakriabá usava e roupa produzida com a seda do Buriti, Iburucu e, também, as roupas feitas do algodão colhido manualmente. Hoje em dia, com as novas atualizações, passamos a comprar as linhas para fazermos a vestimenta de crochê. Peças que são confeccionadas pelas artesãs da comunidade que é bem mais prático porque é fácil de encontrar esse material! Nós mantemos nossos costumes do fazer tradicional, contudo, aceitamos as fragmentações dos saberes, ainda que mantendo o modelo de antes e adotando novas técnicas nesse processo do fazer. Hoje já se encontra os tecidos de algodão também já

prontos, as artesãs só compram e cortam o modelo, fazem a roupa e optam pelo acabamento com a pintura indígena.

Apesar de acompanhar um pouco a moda contemporânea, a moda indígena mantém seu jeito tradicional de como são produzidas essas peças manualmente, como são feitas as pinturas indígenas nas peças para manter viva a forma de preservar da memória viva do povo Xakriabá.

FIGURA 7: ROUPA DO RITUAL SENDO REPRESENTADO NA COR VERDE. AO LADO SENDO REPRESENTADO NA COR AMARELA.



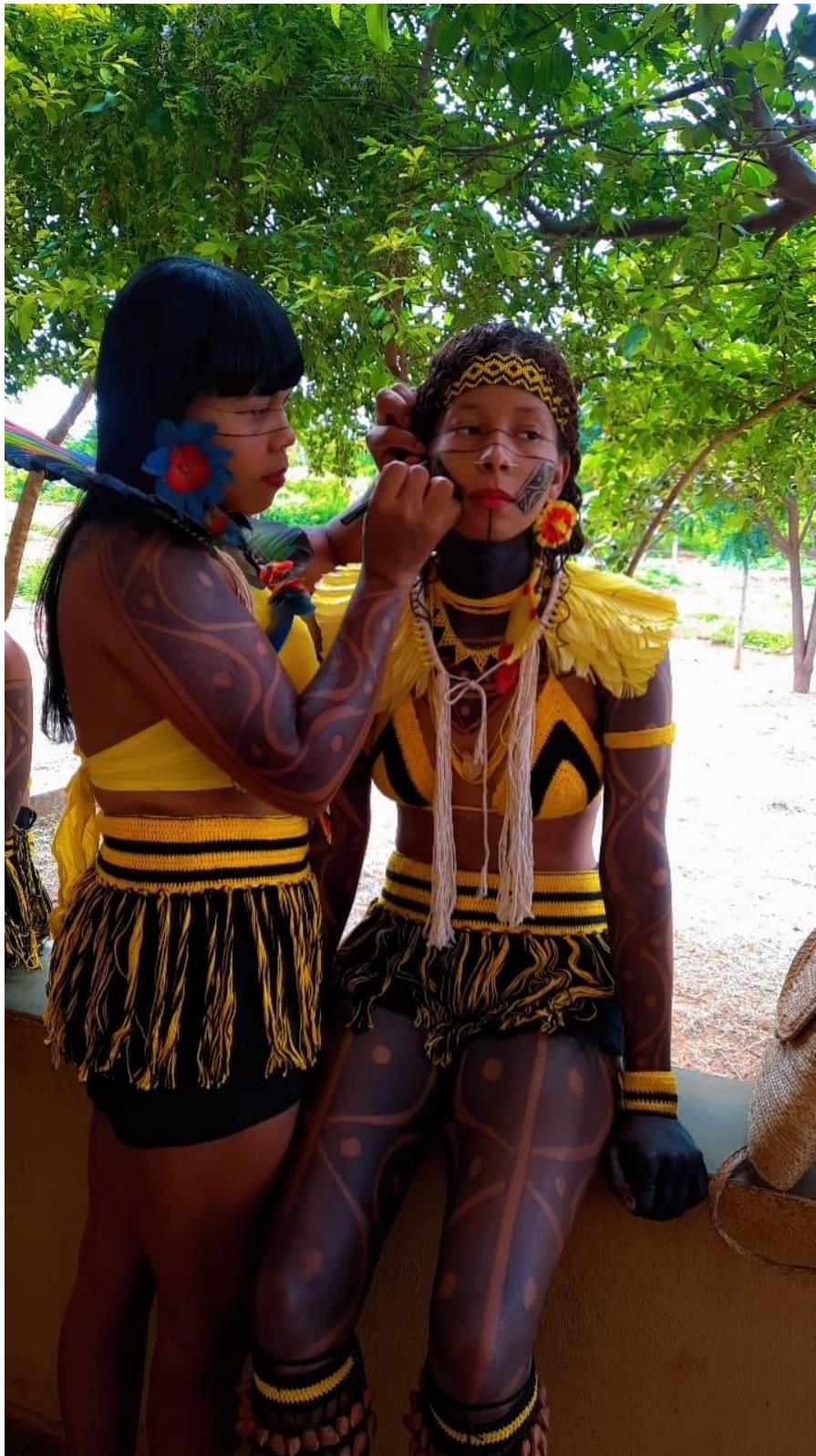
Fonte: Maria Xavier, 2022.

FIGURA 8: VESTIMENTA DE CROCHÊ, MOMENTO DE LUTA EM BRASÍLIA.



Fonte: Rory pinheiro 29 de abril de 2024.

FIGURA 9: MOMENTO DE PREPARAÇÃO DA PINTURA NO ROSTO PARA O RITUAL.



Fonte: Acervo pessoal Euselia Araújo 12 de fevereiro de 2023

FIGURA 10: MOMENTO DE RITUAL NO ENCONTRÃO DA JUVENTUDE NO PRIMEIRO ACAMPAMENTO NA ALDEIA PRATA.



Fonte: Edgar kanaykō Xakriabá, 26 abril de 2022.

FIGURA 11: MOMENTO EM FORMATURA NA ALDEIA RANCHARIA.



Fonte: Marciel Xakriabá, 2019.

**FIGURA 12: SIPSEDI XAKRIABÁ USANDO TOP E SAIA DE PALHA
COMBINANDO COM UMA BOLSA TAMBÉM FEITO EM PALHA.**



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

2.3. Contos & Pontos: narrativas do fazer

As roupas indígenas são feitas por artesãs da comunidade, elas são manufaturadas na residência de cada artesã. Na maioria das vezes, os modelos são todos iguais, principalmente, as roupas de crochê e as de palha. Os modelos seguem um padrão de estilo da etnia, respeitando as ocasiões de uso: A parte de cima, um modelo de um biquini e muitas vezes, elas se apropriam de algumas tendências da moda internacional, como por exemplo, *a cropped*. Elas a usam na parte superior e na parte inferior, as indígenas usam uma saia de palha sobrepondo-a com um cinto e com os pêndulos. As cores mais usadas na maioria das vezes são: amarelo e preto, vermelho e preto, verde e preto. Já as que são feitos como os tecidos e, na maioria das vezes, as clientes já levam o modelo que desejam fazer, daí a artesã elabora o projeto da superfície da roupa com a pintura, e muitas vezes, a artesã já tem um modelo específico também. As cores usadas nos tecidos são variadas, mesmo assim amarelo ainda se destaca mais ainda, no tecido com a pintura indígena na cor preta.

Existem várias formas de fazer as vestimentas, mas nós podemos produzir optando pelo tecido plano ou pela tecelagem, utilizando o crochê. Ainda, nós utilizamos a palha, tecendo com a seda do Buriti. A vestimenta Xakriabá sempre se destacam muito pelo uso do amarelo, que para nós traz um significado muito forte! Para nós Xakriabá, isso nos faz diferenciar de outras comunidades até porque as vestimentas trazem as pinturas do povo Xakriabá, isso acaba por nos diferenciar. E tem os adereços de osso que usamos; colar pulseira, cinto e entre outros, que também nos faz diferenciar de outros povos.

2.4. Entrevista com as artesãs moradora das aldeias vizinhas

As roupas de crochê são feitas por várias mulheres de várias aldeias. Elas compram as linhas na cidade ou na internet e fazem a produção das peças em casa. Elas fazem as roupas, do modelo que você pedir. Algumas artesãs relatam a dificuldade da compra de materiais, pois algumas linhas são bem difíceis de encontrar, principalmente as linhas amarelas, pretas e vermelhas, que são as cores mais procuradas devido ao aumento de pedidos. São bem difíceis de encontrar essas linhas.

As artesãs relatam que têm aumentado muito a produção das roupas de crochê devido à praticidade do manuseio e sua conservação ser bem mais fácil do que as roupas de palha. E por

ser confortável devido a sua textura. Estes materiais não causam alergia por serem mais macios e leves. Por isso, as roupas de crochês têm aumentado cada vez mais os pedidos. Essas roupas já são utilizadas por muitas mulheres de várias Aldeia dentro do território Xakriabá. As cores mais procuradas são o amarelo e preto, pois nós temos uma conexão direta com a onça e identificamos amarelo por ser a cor dessa nossa protetora que protege o nosso território. O amarelo e o preto tornam-se símbolo de proteção! O amarelo também representa a cor dos frutos do nosso cerrado e as arvores da catinga que são os pés de-ipê amarelo que se encontram dentro do território Xakriabá. Já o vermelho e preto representam proteção luta e resistência que é também a cor do Urucum e do Jenipapo, que sempre usamos quando estamos diante dos processos de luta pelos nosso território. Porém não usamos o vermelho quando falece um parente Xakriabá.

Maria Xavier, mais conhecida como Lia, é uma moradora da Aldeia Prata que foi uma das minhas entrevistadas, ela fala que o crochê se tornou tão importante que está presente em nosso dia a dia como forma de vestimentas. Ele é usado como enfeite decorativo para casa e embornal. Ele é um dos itens importantíssimos que usamos para carregar os nossos adereços. Dona Lia além de fazer as vestimentas de crochê, ela também faz bolsa, capa de filtro, tapete, toalha e várias outros itens. Em entrevista com Maria Xavier, mais conhecida como (Dona Lia) da Aldeia Prata Realizada no dia 03 de março de 2024, ela nos relata seu processo:

A importância do crochê para mim, é importante porque são construídas manualmente os fios que eu uso são naturais oferece satisfação para mim ao fazer, porque eu gosto muito de trabalhar com o crochê. Eu sinto um prazer em fazer para mim é uma terapia é também uma fonte de renda e para quem usa também porque valoriza a cultura no processo de luta pela identidade cultural do povo e deixa quem usa assim mais bonita a pessoa fica naturalmente bonita. Eu aprendi a fazer o crochê com uma amiga quando eu ainda era adolescente. Para fazer as peças eu uso linhas e barbantes, compro essas linhas na internet e na maioria das vezes eu compro na cidade mesmo, além das vestimentas Xakriabá, eu faço embornal, bolsa, tapete, capa para filtro, e outros tipos de peças de crochê. É também assim! Eu recebo muitas encomendas do pessoal da minha Aldeia e de outras Aldeias vizinhas de todo o território Xakriabá pode dizer assim, sempre me encomenda as peças principalmente em época de formatura e quando vai para algum eventos fora do território, como retomadas dos direitos ou garantias dos nossos direitos que sempre ocorre em Brasília Distrito Federal e usamos em rituais sagrados e em qualquer outros lugares que sejam especial, sempre desejamos ir com a roupa tradicional pois nossas vestimentas além de carregar significados simbólicos da nossa identidade também carregas essa beleza da mulher Xakriabá e nos faz sentir especial. Essa bolsa fiz para a professora Diana para imitar o uru, que antigamente era feito de palha de coco para carregar frutos do cerrado e aqui na escola foi adotado como uru de aprendizado com o objetivo de carregar livros e resgatar a cultura. uru de crochê que antigamente era feito de palha da folha do coco e servia para apanhar frutos do cerrado. (Maria Xavier, 2014, entrevista)

Durante a minha observação pude compreender o passo a passo de como é feito a produção das vestimentas, as minhas primeiras impressões foram de admiração, respeito e

agradecimento por estar ali prestigiando aquele momento tão rico e cheio de sabedoria sobre as técnicas de confeccionar das vestimentas Xakriabá. Estas artesãs retomam o saber-fazer, valorizando a nossa ancestralidade. É perceptível o apuro e a delicadeza das formas produzidas pelas artesãs, notei que cada artesã tem um estilo e um olhar atento para não perder o foco daquilo que está em construção. Eu pude observei que tanto a roupa de crochê quanto a de palha revelam algo do nosso povo. A escolha do tecido também é primorosa, elas são atentas às fibras para saber qual que é a melhor, a mais leve e aquela que tem mais durabilidade. Eu pude notar o quanto as combinações das cores são importantes também nesse processo de produção, porque algumas cores têm uma ligação muito forte com o território! Assim elas se tornam uma simbologia para a cultura indígena Xakriabá, também fiquei emocionada com os relatos sobre as dificuldades enfrentadas por elas, mesmo assim com tantas dificuldades, elas não desanimam em momento algum.

FIGURA 13: URU DE CROCHÊ QUE ANTIGAMENTE ERA FEITO EM PALHA DE COCO, MARIA XAVIER, 2024.



Fonte: Fotografia da autora

FIGURA 14: URU DE PALHA DE COCO CABEÇUDO ANTIGAMENTE ERA USANDO PARA PEGAR FRUTOS DOS GERAIS.



Fonte: Juvenira 31 de julho de 2024.

FIGURA 15: BOLSAS DE CROCHÊ



Fonte: Maria Xavier 03 de maio2024.

FIGURA 16: A VESTIMENTA DE CROCHÊ SENDO REPRESENTADA POR SIPSEDI XAKRIABÁ.



Fonte: dado da pesquisa 12 de janeiro de 2024

FIGURA 17: BLUSA DE CROCHÊ SENDO USADA EM FORMATURA.



Fonte: Maria Xavier 2019.

Ao observar as criações podemos analisar uma divergência entre ambas porque tem pessoas que fazem uso das vestimentas apresentando partes dos corpos. Outras usuárias optam por roupas mais sóbrias, elas preferem cobrir o corpo. Acredito que a gente poderia padronizar um modelo, no entanto, isso poderia ser limitante. Ademais, temos diferenças religiosas que no seio da nossa comunidade constrói um novo estilo para as mulheres. A orientação religiosa, em alguns momentos, tangencia a tradição Xakriabá. Contudo, ainda existem artesãs que defendem os ritos e os usos das cores tradicionais. Em relação a cores, nós sabemos que o amarelo e preto e a cor que temos uma relação muito forte com o território, porém começou surgir novas cores! Um cartela que muitas das vezes está associada a um padrão estético (como as fotos que apresentei anteriormente) nesta formatura em Belo Horizonte na habilitação de ciência da vida e da natureza, mesmo assim não deixa de representar a cultura do povo Xakriabá. Parte desta discussão pode ser observada nessa entrevista com Eva Xakriabá no dia 30 de novembro de 2023:

Sou Eva Xakriabá, tenho 41 anos, moro na aldeia Barreiro Preto na terra indígena Xakriabá município da cidade de São João das Missões Norte de Minas Gerais. Sou casada, tenho 4 filhos, creio em Deus todo Poderoso criador do Céu e da Terra, sou católica, dona de casa, artesã, professora na Escola Estadual Indígena Xukurank faço costuras...Então não dá para falar da vestimenta tradicional indígena Xakriabá sem falar de como eu aprendi, as vestimentas tradicionais, é fruto de um aprendizado com a minha mãe, quando criança via ela costurando, e aí comecei costura brincando de fazer roupa de boneca, cortando exatamente como ela fazia, é uma das práticas culturais do nosso povo, onde aprendi a prática da pintura indígena com as professoras de cultura na escola em que trabalho, tanto nas roupas como também no corpo. As vestimentas foram pensadas de acordo com a realidade de luta do nosso povo, antigamente as vestimentas era de palha, mais com passar do tempo as mulheres começaram a plantar, colher, fiar e confeccionar as suas roupas, e outras peças tudo de algodão. Então começamos a usar o tecido de saco aqueles que limpamos o chão porque tem tudo a ver com a história de luta dessas mulheres sobre o uso dessa vestimenta, devido ser parecido com os tecidos feito de antigamente por essas mulheres e assim fazendo a nossa pintura tradicional, portanto dando mais visibilidade, cultivando, praticando e valorizando a nossa identidade. A pintura é para poder valorizar mais a nossa identidade para poder estar expondo as pinturas nestas roupas. No começo eu fazia mas era de tecido de saco, hoje em dia eu já faço de outros tipos tecidos que está sendo mais usado no momento que combina bem mais com a pintura, com o tempo foi variando, porque o tecido de saco também às vezes encolhe acaba mais rápido e descorda aí fui mesmo adaptando por outro tipo de tecido, com as cores mais fortes cores únicas vermelho e preto, azul royal, verde e amarelo, o amarelo representa a cor da nossa protetora que protege o nosso território (a onça). É também a cor preferida da Deputada Célia Xakriabá que desde a sua primeira encomenda ela sempre preferiu a cor amarela para fazer as vestimentas dela, ela foi uma das primeiras que confiou no meu trabalho de estar confeccionando essas roupas para ela, quando fala em moda eu lembro dela porque para me ela representa a moda tradicional indígena Xakriabá porque antes de eu começar a costura ela já tinha algumas peças de roupas bordada pela a mãe dela, então eu fazia as vestimentas e a própria Célia pintava mesmo na correria do seu dia-a-dia ela sempre tinha um tempo para fazer as pintura em suas vestimentas. Então a Célia para me representa essa moda assim como tantas as outras mulheres do nosso território que leva essa moda que faz o uso no seu dia-a-dia, em reuniões, formatura, viagens, nas lutas, dentro das faculdades em busca de conhecimentos as roupas tradicionais levam com ela a sua verdadeira identidade do pertencer Xakriabá. A produção é o mais difícil aqui no caso é o tecido porque

às vezes o tecido por aqui é muito caro fica mais difícil a produção, eu também tenho outros afazeres mais assim a quantidade às vezes depende da quantidade de encomenda que tenho, porque eu faço, mas é por encomenda e não tenho assim um dizer que eu faço em quantidade. Para dizer que eu tenho de reserva não tenho, e essa parte do tecido de algodão que as mulheres de antigamente fazia, elas mesmo produziam o tecido confeccionava sua própria vestimenta aí no caso da gente tá utilizando o tecido de saco é pra fazer essa comparação para ver um pouco como era essa realidade delas e que era diferente mais usar um pouco de tecido que elas usavam antigamente que tudo que elas vestia até mesmo os tecidos de cama tudo era feito de algodão, depois com o tempo foi aparecendo os outros tecido foi tendo a oportunidade de tá mudando e aqui também tinha o plantio de algodão eu lembro que a minha mãe falava que tinha um plantio de algodão que elas trabalhava nesse plantio de algodão e uma mulher tecia ia fazendo as vestimentas só que no caso não tinha as pinturas sei que no lugar das pinturas elas tinham um tipo de renda rendinha que chamava de chita, elas faziam para poder enfeitar as manga das roupas e hoje não, a gente tem que comprar o tecido forrar para poder fazer a roupa não só o tecido mais linha, as tintas, para fazer as pinturas tudo compramos fora. (Eva Xakriabá, 2023, entrevista)

FIGURA 18: EVA XAKRIABÁ CONFECCIONANDO A VESTIMENTA.



Fonte: dados da pesquisa 14 de maio 2024.

Eva Xakriabá, uma mulher de 41 anos da aldeia Barreiro Preto em Minas Gerais, compartilha sua experiência e conexão com a cultura Xakriabá através da confecção de vestimentas tradicionais. Casada e mãe de quatro filhos, ela é católica, dona de casa, artesã e professora na Escola Estadual Indígena Xukurank. Desde criança, aprendeu a costurar com sua mãe, desenvolvendo habilidades que refletem a cultura de seu povo. As vestimentas tradicionais, inicialmente feitas de palha, evoluíram para roupas de algodão, utilizando tecidos como o de saco, que simbolizam a luta das mulheres Xakriabá. Eva destaca a importância da pintura indígena em suas criações, usando cores que representam a identidade cultural, como o amarelo, que simboliza a protetora do território. Ela menciona a deputada Célia Xakriabá como uma influência em sua carreira, já que ela foi uma das primeiras a confiar em seu trabalho. Ao longo do tempo, Eva adaptou suas técnicas e materiais, sempre buscando valorizar e manter viva a tradição Xakriabá. Eva aborda a experiência de Célia, que representa a moda tradicional das mulheres Xakriabá e seu uso no cotidiano, como em reuniões e formaturas. Ela ressalta a dificuldade na produção de roupas devido ao alto custo dos tecidos, destacando que suas confecções são feitas sob encomenda e que não possui estoques. Eva menciona que, no passado, as mulheres produziam seu próprio tecido de algodão, enquanto atualmente dependem da compra de materiais externos, como tecidos e tintas, para confeccionar suas vestimentas. Ela faz uma comparação entre as práticas antigas de confecção, que incluíam o uso de rendas, e as atuais, onde é necessário adquirir todos os insumos fora da comunidade.

FIGURA 19: VESTIDO INFANTIL NA COR VERMELHA COM A PINTURA ENCONTRO DAS ÁGUAS.



Fonte: Eva 20 de maio.

Entrevista com Graciele sobre as vestimentas de palha, data da entrevista 02 de dezembro 2023.

Eu me chamo Graciele Rodrigues de Oliveira, mais conhecida como tina, tenho 38 anos moro na Aldeia Tenda. Primeiro eu observava as meninas da pedra redonda, via elas fazendo, era a Luciene, as meninas de tia Rosa, via fazendo a saia de paia, eu observava as formas como elas faziam, que a gente foi tendo uma noção assim, como era feito. E aqui as primeiras que começou a fazer foram as meninas, Gracinha, Vejamos, Regiane, as outras mulheres, Nauzinha, já cedo ia na serra tirar as barrigudinhas, as outras coisas e fazia a saia de palha. Então, eu lembro de uma época que junto com elas que foi iniciado esse processo do fazer das vestimentas de palha fazendo, observando, eu já peguei a trena, aí eu já conseguia fazer um pouco a saia de paia e a blusinha. E aqui, antigamente, era normal tinha as roupas de saco, tinha um tecido que não era o de hoje, então, o que nos motivamos a usar as nossas vestimentas tradicional é a questão do fortalecimento de nosso povo mesmo, quando a gente chegar lá fora nós mostra a nossa forma de representar que a gente é um povo indígena e temos uma cultura, tem os artesanatos, as roupas de palha que a gente vai se vestir para ir para a luta, então, isso aí já certifica de que a gente é um povo da cultura. A importância da vestimenta é que ela é o fortalecimento para nós mulheres, e acho assim, para me o certo é a gente usar nossas vestimentas naturais para sair para fora, ir para a luta, ir para o ritual porque essa são as nossas roupas naturais, que vem da natureza que a natureza nos deu essa sim é as roupas da gente. A gente tem as roupas certas para usar no momento certo, mas somos criticados muitas vezes. Se usarmos roupas de branco lá fora somos muito criticados, por isso temos que usar as nossas roupas, e isso já fortalecer mais a nossa cultura, fortalecer a nossa identidade. Esse reconhecimento sobre as nossas vestimentas vem de antigamente por isso devemos sempre valorizar. O recado que eu deixo para as gerações futuras é que eles não deixam a nossa cultura acabar não porque tem diversos desafios, dificuldade eu sei que temos muito, crítica e muito preconceito com os povos indígenas, principalmente em cima dos jovens, que eles não deixam essa cultura perder por qualquer coisa e que a juventude siga em frente. (Graciele, 2 de Dezembro de 2023)

Nesta entrevista que eu realizei com Graciele, discute a importância das vestimentas tradicionais de palha para o povo indígena Xakriabá. Ela relata como aprendeu a fazer essas roupas observando outras mulheres, como Luciene e Regiane. Graciele enfatiza que o uso de vestimentas tradicionais fortalece a identidade cultural e a representatividade do povo indígena, especialmente em momentos de luta e ritual. Ela menciona que essas roupas, feitas a partir da natureza, são essenciais para reforçar a cultura e a identidade da comunidade. Graciele também deixa um recado para as gerações futuras, incentivando-as a valorizar e preservar sua cultura, apesar das dificuldades e preconceitos enfrentados.

Aqui abaixo adicionei algumas fotos para mostrar a passo a passo de como fazer as vestimentas de palha.

FIGURA 20: PRIMEIRO PASSO PARA FAZER O TOP DE PALHA MOLHA A SEDA.



Fonte: Dados da pesquisa dia 02 de dezembro.

FIGURA 21: SEGUNDO PASSO INICIOU DA TRANÇA.



Fonte: Dados da pesquisa dia 02 de dezembro.

FIGURA 22: TERCEIRO PASSO É COSTURA A SEDA JÁ NO FORMATO DO TOP.



Fonte: Euselia Araujo 02 de dezembro.

FIGURA 23: QUARTO PASSO TOP JÁ FINALIZADO.



Fonte: Euselia Araujo 02 de dezembro.

FIGURA 24: PEQUENO CESTO FEITO TAMBÉM DA SEDA DO BURITI, POR GRACIELE.



Fonte: Euselia Araujo 02 de dezembro.

FIGURA 25: BOLSA DE SEDA FEITO PELA ARTESÃ LEOMIRA DA ALDEIA PRATA.



Fonte: Dados da pesquisa: 23 de janeiro de 2024.

Para as usuárias das peças fica evidente a questão simbólica, segundo Sipsedi Xakribá, em depoimento relatado na entrevista do dia 08 de agosto de 2024, o uso das roupas tem relação

com a identidade, ela nos diz: “Tenho dezoito anos e faço o uso da vestimenta desdos meu nove anos, para me as vestimentas indígenas vão muito além de uma simples "roupas". Elas carregam um significado profundo, representando a identidade, a cultura e a conexão com a natureza de cada povo”.

FIGURA 26: SIPSEDI XAKRIABÁ DA ALDEIA SAPÉ.



Fonte: Rory pinheiro.2023.

Entrevista realizada com Kawany Xakriabá no dia 04 de setembro de 2024.

Eu sou Kawany Xakriabá tenho 18 Anos estou cursando o 2º Período de Direito - na UFMG, faço o uso das vestimentas xakriabá desde pequena. Nossas vestimentas e pinturas corporais são muito mais do que um simples adorno; elas são manifestações vivas da nossa resistência e identidade. Cada peça de roupa, seja ela feita de pano comum com as pinturas do nosso povo ou as nossas vestimentas tradicionais, carrega em si a força e a história de nossa cultura e ancestralidade. A roupa, por mais simples que pareça, se transforma em um símbolo poderoso quando se mistura às cores e aos traços que narram quem somos. E a pintura corporal, essa sim, não é apenas um ornamento: é a forma como vestimos nossa alma, é o que nos protege, nos fortalece e nos conecta com a nossa essência mais profunda. Vivemos em um mundo que constantemente tenta nos apagar, que olha para nós com preconceito e desdém, que muitas vezes nos desumaniza. Sofremos ataques em nossos territórios, somos marginalizados nas cidades, enfrentamos o racismo no dia a dia. Mas, mesmo assim, resistimos. E resistimos de uma forma que vai além das palavras: resistimos com o corpo, com o que vestimos, com a pintura que nos reveste. Cada traço que desenhamos em nossa pele, cada vestimenta tradicional que usamos, é uma resposta silenciosa, mas potente, a todos os que tentam nos diminuir. É uma declaração de que estamos aqui, vivos, fortes, e que carregamos em nós o orgulho de sermos quem somos. Essas vestimentas e pinturas são, para nós, armas na luta contra o preconceito. Elas nos caracterizam, mas também nos elevam, mostrando ao mundo que, mesmo diante de todas as tentativas de nos apagar, seguimos de pé. E mais do que isso: seguimos orgulhosos, carregando no corpo e na alma a essência do nosso povo. Quando nos vestimos com nossas tradições, quando pintamos nossa pele, estamos não só reafirmando nosso pertencimento, mas também desafiando e enfrentando aqueles que ainda ousam tentar nos silenciar. Essas vestimentas e pinturas nos lembram todos os dias que resistir é existir, e que cada detalhe que carregamos em nosso corpo é uma marca de nossa luta, de nossa dignidade e de nosso eterno orgulho ao que pertencemos.

Nesta entrevista que eu realizei com a Kawny Xakriabá uma jovem de 18 de idade estudante de direito na UFMG, ela destaca a importância das vestimentas e pinturas corporais como expressões da resistência e identidade cultural de um povo. Cada peça de roupa e cada traço de pintura carregam a história e a força da ancestralidade, tornando-se símbolos poderosos de luta contra o preconceito e a desumanização. Ela fala que apesar das adversidades, como ataques territoriais e racismo, a comunidade se mantém firme, utilizando a vestimenta e a pintura como formas de afirmação e orgulho. Essas manifestações não são apenas adornos, mas

sim armas na luta pela visibilidade e respeito, reafirmando o pertencimento e desafiando aqueles que tentam silenciar sua voz e cultura.

FIGURA 27: KAWANY XAKRIABÁ DA ALDEIA PRATA.



Fonte: Kawany Xakriabá 22 de junho de 2022

3. O ARTESANATO E A MODA

3.1 Criar roupas indígenas virou moda!

A criação das roupas se dá através das artesãs costureira e artesã das comunidades Xakriabá, elas trabalham individualmente em suas próprias residências. Estas artesãs fazem roupas para o uso cotidiano, criando um mix de produto de acordo com as ocasiões de uso da nossa comunidade. Assim, vemos em seus trabalhos uma contínua produção de vestidos, saias, *croppeds*, biquinis, shorts, camisetas, cintos, macacões (do infantil ao adulto). Além disso,

existe uma produção de moda para a linha da casa, pela produção de toalha, capa de filtro, fogão, jogo de banheiro, bolsa, tapete. Embornal etc. Vale ressaltar aqui os assessorios e os adereços: faixas para cabelos, braceletes, pulseiras, colares, bolsas e tornezeleiras. As encomendas na maioria das vezes são feitas via *WhatsApp* e pessoalmente quando a pessoa vai diretamente na casa da artesã, até porque ela precisa tirar as medidas das clientes. O trabalho artesanal torna-se uma importante fonte de renda para as mulheres e as divulgações ocorrem por meio de evento dentro das comunidades, também nas redes sociais nas páginas de Instagram e Facebook.

Algumas das artesãs relatam que aprenderam os saberes do fazer das vestimentas com as mães e as avós, no entanto, outras falaram que aprenderam em algum cursinho em suas comunidades. Muitas relataram que trabalham por encomenda e com muita encomenda! As datas para a utilização das peças são: época de formatura, evento dentro da comunidade como noite cultural, 19 de abril (dia dos povos indígenas), movimento fora da comunidade em Brasília como acampamento Terra Livre. Todas elas relataram que trabalham apena com um tipo de material. Ademais, quem trabalha com crochê é só crochê (tecelagem), e quem trabalha com tecido e só tecido, quem trabalho com a palha e só a palha.

A moda indígena brasileira é profundamente influenciada pelos elementos culturais, mitológicos e naturais das diversas etnias indígenas do país. As técnicas artesanais tradicionais, como a tecelagem, a pintura corporal, e o uso de materiais naturais (palha, sementes, penas, entre outros) são frequentemente incorporadas nas criações. Cada peça conta uma história e carrega consigo significados simbólicos que remontam (relemboram) a tempos ancestrais, criando uma conexão direta com a herança cultural dos povos indígenas.

A criação das roupas indígenas ainda não se tornou modismo, porque o vestir indígena nem sempre é assimilado pela massa. Nós utilizamos nossas vestimentas como uma forma de preservar a nossa cultura e nossa identidade ancestral do povo Xakriabá, pois cada pintura e cores que essas vestimentas carregarem tem um significado muito profundo sobre a nossa verdadeira identidade Xakriabá. Esses saberes são estruturados pelas mulheres através da prática do fazer usando. No entanto, podemos dizer que se tornou moda pensarmos nas práticas criativas que valorizam a nossa memória! Por isso, o saber-fazer indígena está produzindo uma linguagem para a moda nacional.

Boa parte dos materiais que usamos são extraídos da natureza, assim como as sementes das árvores para fazer nossos colares, pulseiras e colares. Nós utilizamos a palha do Buriti para fazermos objetos utilitários como por exemplo, a esteira que serve como um tapete para sentar-se, deitar-se, fazemos também peneira, cesto grande. Já a seda do Buriti, nós utilizamos para fazermos as nossas roupas e os demais objetos tradicionais como cestarias, bolsas, cintos entre outros artesanatos. Nós também usamos o urucu e o jenipapo que são extraídos da árvore, material fundamental para fazer a nossa pintura corporal. A tinta para nós indígenas é sagrado e o que é sagrado, nós devemos usar sempre como um fortalecimento ancestral! Os nossos anciãos sempre nos falam que o Urucu e o Jenipapo são nossas vestimentas. Assim, nós não devemos ter vergonhas de usá-los, pois sempre estivemos vestidos com nossas vestimentas que são nossa segunda pele. Como exemplo, temos o Jenipapo e o Urucu. Segundo Pajé Vicente Xakriabá (2024), “quando nós nos pintamos, em momentos específicos, não é somente a pele que está sendo pintada, mas o próprio espírito” (XAKRIABÁ, Pag.44).

3.2 Adotar a moda indígena: Uma ação de resistência!

Nos últimos anos, vários designers indígenas e coletivos de moda têm ganhado destaque no cenário nacional e internacional. Nomes como We'e'ena Tikuna, da etnia Tikuna, e outros criadores emergentes têm utilizado suas plataformas para mostrar a beleza e a sofisticação da moda indígena. Esses profissionais não apenas produzem roupas, mas também desafiam estereótipos e promovem uma visão mais ampla e complexa das culturas indígenas.

O uso das roupas, pinturas e acessórios aparecem como uma forma de resistência. Porque a Celia Xakriabá sempre usa as peças criadas pelas artesãs do povo Xakriabá promovendo essa resistência da cultura vestimentar para dar visibilidade e levar o nome do povo com ela. Além dela, Edgar kanyikō Xakriabá é um importante nome da nossa comunidade. Ele é um jovem que faz o uso das vestimentas e leva com ele as pinturas corporais em suas vestes, ele promove a nossa cultura para dar visibilidade ao povo Xakriabá. Pode-se lembrar aqui o nome de Nei leite Xakriabá, que é um ceramista do povo Xakriabá (cerâmica Xakriabá). Ele também faz o uso dessas vestimentas e leva o nome do povo Xakriabá promovendo essa resistência. E junto com eles tem a própria Eva Xakriabá, que é confeccionadora de roupas e de acessórios e que eleva o nome Xakriabá como resistência e preservação de memória.

3.3 Reconhecimento & Inclusão: os impactos ambientais, sociais e culturais

A sustentabilidade é um pilar central da moda indígena. As práticas de produção respeitam o meio ambiente e utilizam recursos de maneira responsável, em contraste com a indústria da moda tradicional, muitas vezes criticada pelo seu impacto ambiental. Essa abordagem sustentável não é apenas uma tendência, mas uma extensão natural da visão indígena de harmonia com a natureza.

Os artesãos Xakriabá sempre respeitaram a natureza e seu tempo porque a natureza para nós é como uma segunda mãe, aprendi isso desde criança, porque ela sempre nos dá tudo que precisamos. Por isso, os indígenas devem a ela todo respeito e cuidado para saber usar os recursos sem a agredi-la. Um exemplo deste uso e colheita dos materiais: Na época certa quando colhemos as sementes, nós esperamos que elas caiam para que podemos pegar; bem assim e a fibra do Buriti temos que esperar a época que está boa para fazer a retirada da seda, para não danificar as novas mudas. Para retirar a seda, nós sempre esperamos a lua nova! Pois é o período em que a seda está boa e facilita o nosso trabalho porque ela vai estar mais solta para ser retirada e não mata as novas mudas. Na retirada do croata também esperamos a lua ficar nova, pois esse é o período em que a água se concentra no corpo das plantas, tornando-as mais mole para serem retiradas. Eu aprendi isso com a minha mãe que tudo que fazemos, temos que usar a ciência da lua, porque de certa forma a lua nos guia.

O fruto do jenipapo é do mesmo jeito, ele também deve ser retirado três dia antes na lua nova e nós só retiramos a quantidade certa que vamos utilizar na preparação da tinta. Nós também temos o hábito de plantar novas mudas para que os novos pés de Jenipapo dão suporte os pés velhos. O urucu também é plantado todo ano, para fazer a renovação da semente. Então, de maneira nenhuma, nós agredimos a natureza até porque o respeito que temos pela natureza e um respeito simbólico como o respeito de filhos com uma mãe.

4 FAZER MODA: CONSTRUÇÃO DO ESTILO INDÍGENA

4.1 Estilismo: desafios e oportunidades

Este trabalho de pesquisa traz uma série de informações importantes para valorizar as criações vestimenta Xakriabá, observando a ligação das cores com o território e seu significado. Por isso, insisto na forma como utilizamos esses materiais sem agredir a natureza e a maneira como fazemos a colheita das sementes. Pois a criação da moda indígena tem relação com a sabedoria ancestral da natureza, não é apenas a imagem ou o estilo. Apesar do crescimento e do interesse crescente, a moda indígena enfrenta desafios significativos. A falta de acesso a recursos, financiamento e plataformas de visibilidade são barreiras comuns. Além disso, a apropriação cultural continua sendo uma questão crítica, onde elementos da cultura indígena são utilizados sem a devida permissão ou compensação, desrespeitando os direitos intelectuais e culturais dessas comunidades. E muito importante que os indígenas possam ocupar cada vez mais esses espaços de visibilidade da moda porque uma forma de preservar a cultura e as tradições ancestral do povo Xakriabá. Nós também enfrentamos os desafios: como falta de investimento, visibilidade, divulgação dos nossos trabalhos.

O estilo é quando construímos um modo de fazer muito singular, isso pode ser visto na repetição de traços, de formas e das cores. O nosso jeito de vestir torna-se um estilo do povo Xakriabá, esse modo de usar as roupas, as cores e a pintura conservam as características ancestrais de nosso povo. A prática do estilismo em nossa comunidade pode ser observada pelo padrão criativo das artesãs. Nossa cultura sofre quando há apropriação cultural, quando estilistas utilizam a nossa linguagem sem nos convidar para parcerias e sem compreender que temos um saber a ser preservado. Por exemplo, quando um estilista quer modificar algumas peças a qualquer custo para deixá-la mais estilosas, ele passa a mudar os traços do estilo Xakriabá para deixar do jeito dele e como sua criação. Hoje em dia, acontece muito de pessoas não indígenas se passarem por indígenas para poderem ingressar em universidades, a fim de conseguir moradia dentro do próprio território ou até mesmo para ganhar visibilidade a partir do nosso povo. Isso é uma realidade que acontece infelizmente, e a gente fica muito indignado com essas situações.

4.2 Meios Formais & Informais da Criação em Moda na Comunidade

O processo artesanal da criação de moda pelas comunidades indígenas brasileiras é um trabalho meticoloso e rico em significados culturais. Este processo é uma manifestação viva da tradição e da identidade indígena, integrando técnicas ancestrais com um profundo respeito pela natureza e pela herança cultural.

A produção da tinta do Jenipapo exige muita paciência e cuidado desde a colheita do fruto até a produção da tinta porque primeiro passo vai ser escolher a época da lua para colher o fruto, depois descascar esse fruto, após descascar tem que ralar em um ralo, depois espremer para retirar o líquido e colocar em uma garrafa e deixar curar por três dias para, em seguida, a tinta ficar pronta. Lembrando que para fazer a tinta a pessoa tem que estar com a mão boa e, se a mulher estiver menstruada, ela não pode fazê-la porque se ela a fizer, a tinta estraga e não chega ao resultado esperado.

A produção do preparo das penas é bem delicada, primeiramente, nós separamos as penas escolhendo as melhores e, em seguida, nós colocamos a água para ferver. Após a fervura adicionamos anilina em pó e, em seguida, nós adicionamos as penas aos poucos mexendo para que ela pegue a coloração que nós desejamos. Após colorida, nós colocamos em uma peneira e levamos ao sol para a secagem. Ao fim do processo, nós desfiamos uma por uma com o objetivo de que elas fiquem bem cheias e bonitas. Após todo esse processo, elas estão prontas para confeccionar os brincos e as tiaras para serem usadas nos cabelos.

Tem também a produção de colar com as sementes que exigem cuidado e paciência, o primeiro passo é colher as sementes que caem no chão separando as melhores. Em seguida, essas sementes vão ser lavadas e perfuradas para fazermos os colares e as pulseiras. Lembro ainda que tem sementes que são mais duras, tendo de passar por outros procedimentos: elas ficam de molho na água de um dia para outro e elas tem de serem cozidas para serem perfuradas.

A produção da roupa com a seda do Buriti é do mesmo jeito, nós temos de escolher a lua para poder retirarmos a seda. Elas exigem muita paciência e habilidade porque o processo é demorado! O primeiro passo é retirar a palha do Buriti e dessa palha, nós retiramos a seda. Com este material, dá para fazer saias, acessórios e outros objetos. Com a palha a saia fica mais dura, já a seda deixa a saia muito mais macia e fluida! O segundo passo é deixar a palha ou até mesmo a seda de molho na água por algumas horas, depois já se pode iniciar o processo de fazer. Tanto a saia quanto o top de palha o top inicia-se fazendo de três a quatro tranças, em seguida, elas vão ser costuradas em forma de uma ródia formando um bojo. Após esses

processos se faz mais duas tranças para que as alças e as menores criem uma curva em sua modelagem. Assim conseguimos estruturar os tops.

4.3 Fazendo o meu inventário autoeducativo: uma forma indígena de conceber a moda.

Assim, toda a etapa da produção do saber-fazer indígena seguem as seguintes etapas: conhecimento dos ciclos da natureza, respeito aos modos de florescimento e crescimento das plantas, coleta e produção do material, criação das peças. Neste aspecto, nós podemos observar de forma detalhada as seguintes fases:

- a) Coleta de Materiais Naturais: A criação de moda nas comunidades indígenas começa com a coleta de materiais naturais, uma prática que reflete o profundo conhecimento das propriedades e usos dos recursos disponíveis no ambiente. Entre os materiais comuns estão fibras de plantas, sementes, cascas de árvores, penas e palha. A coleta é realizada de forma sustentável, respeitando os ciclos da natureza e garantindo que os recursos sejam preservados para as futuras gerações.
- b) Preparação e Tratamento dos Materiais: Após a coleta, os materiais passam por processos de preparação e tratamento. As fibras vegetais, por exemplo, são secas, limpas e, muitas vezes, tingidas com corantes naturais extraídos de plantas, frutos e minerais. As sementes são cuidadosamente perfuradas e polidas, enquanto as penas são limpas e selecionadas. Esses processos são realizados manualmente, preservando técnicas transmitidas de geração em geração.
- c) Tecelagem e Confecção: A tecelagem é uma técnica central na criação de moda indígena. Utilizando teares manuais, as artesãs indígenas criam tecidos intrincados e padronagens que muitas vezes possuem significados simbólicos específicos para cada comunidade. A confecção de peças como saias, mantas, cintos e bolsas envolve um trabalho minucioso e detalhado. Cada peça é única e carrega consigo histórias e tradições.

- d) A Estilização da Pintura Corporal e Adornos: Além das roupas, a moda indígena inclui a pintura corporal e a criação de adornos. A pintura corporal utiliza pigmentos naturais e é aplicada para ocasiões especiais, rituais e festividades. Os adornos, como colares, pulseiras e brincos, são confeccionados com sementes, ossos, conchas e outros elementos naturais. Esses adornos são não apenas estéticos, mas também carregam significados culturais e espirituais profundos.
- e) Integração de Técnicas Modernas: Embora as técnicas tradicionais sejam predominantes, algumas comunidades indígenas têm integrado métodos modernos de produção para ampliar suas possibilidades criativas e comerciais. Máquinas de costura e ferramentas contemporâneas podem ser utilizadas, mas sempre de maneira a complementar, e não substituir, os métodos artesanais. Essa integração permite a criação de peças que dialogam com o mercado contemporâneo sem perder a autenticidade cultural.
- f) Comercialização Sustentável: A comercialização das peças de moda indígena é um aspecto importante do processo artesanal. A sustentabilidade é um princípio central, não apenas na produção, mas também na comercialização, garantindo que os benefícios econômicos retornem às comunidades e promovam seu desenvolvimento sustentável. Como as práticas de apresentação dos produtos que você desenvolve são divulgados na comunidade Xakriabá?
- g) Preservação Cultural e Educação: Cada peça de moda indígena é uma aula viva de história e cultura! O que desejo deixar registrado? A transmissão do conhecimento sobre as técnicas de produção é feita de forma oral e prática, garantindo que as novas gerações aprendam e perpetuem essas tradições. Além disso, a educação sobre a importância da preservação cultural é fundamental para a valorização e o respeito pela moda indígena dentro e fora das comunidades. O processo artesanal da criação de moda pelas comunidades indígenas é o testemunho da nossa riqueza cultural e da habilidade manual.

Em relação ao meu processo, eu sigo as seguintes etapas:

Eu crio bolsa de palha, suitiã de palha, tiara de pena e faço as pinturas indígenas em peças de roupas. Para fazer a bolsa usamos a seda do Buriti, ela é uma planta muito utilizada para fazer as roupas, bolsas, artesanato e entre outras coisas, uma planta que já está bem difícil de encontrar devido sua escassez no local na Aldeia Peruaçu. Primeiro, nós retiramos a palha da árvore, logo em seguida, retiramos a seda da palha. E, no dia em que for utilizá-la, é preciso deixar a seda de molho na água, depois de escoada já se pode fazer a bolsa! Eu inicio costurando e fazendo o formato do fundo da bolsa, quando o fundo já está com o formato perfeito, eu começo a subir as laterais da bolsa costurando até chegar no tamanho certo, faço a tampa e as alças e já está pronta!

Para fazer uma *cropped* de palha, eu faço a trança e aí, eu vou costurando a trança uma na outra no formato de um bojo. Assim, vai se formando o lugar dos seios, depois, eu faço outras quatro tranças grandes (que são para fazer as alças e a parte de baixa de amarrar). Para se fazer a tiara de pena, sigo o seguinte processo: primeiramente, as penas passam por uma coloração e após isso, elas são selecionadas. Para deixar as penas do mesmo tamanho uma das outras e para dar o início à confecção da tiara, nós usamos nove ou doze fios de barbantes. As penas são colocadas no meio dos oitos fio e um sobra para a amarração das penas. Assim, eu vou fazendo esse mesmo processo até finalizar toda a tiara.

Tenho um enorme respeito pela natureza pois nós estamos sempre conectadas com ela e temos o dever de cuidar, preservar e valorizar! A natureza nos dá tudo que precisamos e, é dela, que nós retiramos os nossos alimentos para nos mantermos vivos. Nós retiramos as matérias-primas para a construção de nossas moradias e até mesmo para o fazer das nossas vestimentas. A natureza para nós indígenas representa muito mais que um meio de subsistência pois ela representa o suporte da vida social e não tem como dizer que ela não está ligada aos nossos sistemas de crenças e conhecimentos. Além disso, a natureza tem uma relação histórica com os povos originários. Quero preservar, valorizar e manter viva as técnicas de confeccionar as nossas próprias vestimentas! Por isso, eu tento relacionar o amor e o cuidado pela natureza com a forma que confeccionamos os nossos objetos vestimentares. Desejamos deixar essa memória de como fazemos as bolsas, as saias, as croppeds, as tiaras, os brincos e os adereços sem perderem os traços tradicionais e culturais do nosso povo Xakriabá! O uso da tecnologia, como a máquina de costura, o celular para divulgações, a compra de matérias para a própria

produção das peças. Uma parte que eu adotei foi o uso de roupas de crochê, *cropped*, macaquinho, calça jeans, blusas, shorts, e vestido, maquiagem, sandália, sapato.

FIGURA 28: USO DE ROUPAS QUE EU PASSEI A ADOTAR.



Fonte: Dados da pesquisa: 23 de janeiro de 2024.

Moodboard da pesquisa sobre a produção indígena

CONCLUSÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, eu procurei contar um pouco sobre o processo de luta e resistência das mulheres que criam e confeccionam a vestimenta Xakriabá! Esta preservação e luta para mantermos vivas as tradições do nosso saber-fazer são uma forma de nos preservarmos frente as contínuas transformações que fomos obrigadas a enfrentar após a história da colonização dos povos tradicionais. E, diante do processo de colonização pelo qual fomos obrigados a deixar de usar a nossas vestimentas, para adotar as vestimentas do mundo dos não-indígena.

Realizei entrevistas com as quais pude observar que algumas anciãs ainda guardam consigo alguns segredos das vestimentas antigas e isso serviu como uma fonte de referências para dar continuidade nesse processo de construção e busca por compreender a vestimenta Xakriabá.

Realizei uma oficina de confecção das roupas de palha tradicionais Xakriabá, na qual registrei o passo a passo de como é feito e apresentei as fotografias. Com essa pesquisa pude compreender a importância e o verdadeiro significado do uso da vestimenta tradicional para o povo Xakriabá, e que ao usar as nossas vestimentas mostramos a nossa verdadeira identidade, quem somos. Com essa entrevista também aprendi a fazer a vestimenta e me senti muito honrada por ter ganhado mais um pouco de conhecimento.

Com as demais entrevistas foi possível perceber como é feito a escolha dos tecidos, aprendi também sobre os significados das cores para o povo Xakriabá, também o respeito que devemos ter pelas nossas vestimentas principalmente as roupas que é utilizada nos rituais sagrado porque essas roupas têm toda uma preparação antes do ritual.

Durantes as entrevistas conversei com algumas anciãs da minha comunidade na qual elas não quiseram se identificar, porém, todas as mulheres me passaram um pouquinho de como era construída a roupa no passado e de como estas roupas eram produzidas. Eu pude conhecer ainda um pouco da diferença do processo do passado e as mudanças realizadas no presente.

Ao fazer essa pesquisa eu tive dois olhares: um de observadora pesquisadora, quando eu estava analisando o processo, descrevendo e fotografando o passo a passo do saber fazer buscando os

mínimos detalhes para que eu pudesse aprender; outro de educadora aprendiz, porque percebo que os professores indígenas têm essa dificuldade de passar esses dois conhecimentos para os alunos: O tradicional e o científico.

As vestimentas Xakriabá fazem parte da cultura Xakriabá, mas elas também são um sinal de como o povo Xakriabá vivencia as transformações da moda contemporânea, sabendo preservar no presente, um pouco das suas tradições do passado. Eu aprendi muitas coisas sobre as vestimentas Xakriabá, alguns conhecimentos que eu pretendo passar adiante, mas também, eu considero importante dizer que ainda existem segredos, que nem tudo que se vê e ouve deve ser revelado! Este é o momento em que o olhar da pesquisadora deve ser atento para transcrever esta vivência na pesquisa de campo.

Esse trabalho me proporcionou um conhecimento mais profundo sobre a vestimenta do meu povo Xakriabá, por mais que eu conheça a história do meu povo, sempre há novos conhecimentos para serem buscados! E é isso que nos fortalece nesta viagem e nesta experiência na universidade!

Ser uma pesquisadora da nossa própria história me dá forças para pensar novas possibilidades de narrativas, elegendo os objetos do vestuário como principais fontes de transmissão dos saberes tradicionais. Antes de realizar essa pesquisa, eu já sabia que havia diversos materiais que eram utilizados nesse processo do fazer das vestimentas Xakriabá, mas com a pesquisa esses conhecimentos foram duplicados e isso se tornou muito enriquecedor para mim. Algo que me leva a pensar que as vozes ancestrais dos povos indígenas sussurram saberes antigos, raízes que se entrelaçam com a terra e florescem em sabedoria, nutrindo a vida e o espírito com o eco eterno da natureza. É aqui que podemos dizer que se enraíza a moda indígena.

REFERÊNCIAS

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil.** Belo Horizonte: Com Arte, 2013.

BARROS, Edna Alves *et al.* **Barro preto e luto no território Xakriabá** (DOC,18`29,2020).

ARAÚJO, Clébio Florindo. **Cartografias sonora e imagética do território Xakriabá: dimensões naturais e culturais. 2020.** Trabalho de conclusão de curso (licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belorizonte,2020.

OLIVEIRA, Neuza Rodrigues da Silva. **Roupas de Palha Tradicionais Xakriabá.** 2018. Trabalho de conclusão de (licenciatura) -Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belorizonte, 2018 (manuscrito).

XAKRIABÁ, Célia. **O barro, o jenipapo e o giz no fazer Epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada.** Brasília: UNB, 2018 (manuscrito). In: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/34103> acesso 10 de outubro 2024.